

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual e conter a indicação de fonte conforme abaixo:

GODINHO, Flávio Vasconcelos Godinho. Flávio Vasconcelos Godinho. (depoimento, 2020). Belo Horizonte, Centro de Memória do IFMG/Pró-Reitoria de Extensão do IFMG, 2022, 63p. (3h21min).

Entrevista com Flávio Vasconcelos Godinho (professor e ex-Diretor Geral do IFMG/Campus Bambuí durante dois mandatos), realizada dia 27 de agosto de 2020, cedida ao Centro de Memória do IFMG para fins de pesquisa sobre a institucionalização dos Institutos Federais e constituição do IFMG. A entrevista foi conduzida pelos entrevistadores Douglas Biagio Puglia e Denis Pereira Tavares que construíram o roteiro de perguntas. E estiveram presentes também Pablo Menezes e Oliveira, Flávio Rocha Puff e Livia Serretti Azzi Fuccio. Esta entrevista foi transcrita e revisada pelos bolsistas PIBEX Mariana Gonçalves e Tiago Magalhães. E a revisão final ficou a cargo do bolsista Denis Pereira Tavares. Para a gravação da entrevista, usamos a ferramenta do Google Meet.

Douglas: Então, professor Flávio, como eu estava dizendo, nós somos do Centro de Memória do IFMG e gostaríamos de entrevistá-lo justamente sobre sua carreira e sobre o processo de criação do IFMG que nos é bastante importante, que é o nosso foco aqui. Certo? E quem vai conduzir a entrevista sou eu e o professor Denis, eu peço licença para vocês, é que tocou o interfone aqui de casa, essas coisas acontecem.

Pablo: E eu achei que era seu, Denis! A gente aguarda um instante. Ô, Flávio, ontem eu conversei com uma pessoa que te mandou um abraço muito querido, o Neimar.

Flávio: Gente boa!

Pablo: Sendo assim, eu e o Neimar já trabalhamos juntos um tempo aí na PRPPG [Pró-Reitoria de Pesquisa Inovação e Pós-Graduação do IFMG], aí como eu estava resolvendo uns negócios com ele ontem, aí ele falou: “já que você vai estar com o Flávio, deixa um abraço com ele”.

Flávio: Obrigado!

Douglas: Ô gente, que coisa sensacional! Era um senhor vendendo vassoura de teto, aquelas...

Pablo: Eu estou precisando de uma, depois vou na sua casa e busco. [risos]

Douglas: Já começou a entrevista e peço desculpas, Flávio, porque essas coisas a gente não tem bem um controle, né, quando estamos em casa. Mas, enfim, como eu estava dizendo, a entrevista apesar de estarmos em quatro pessoas aqui, a entrevista vai ser conduzida por mim e pelo Denis. Então, Denis, quando você quiser começar, à vontade.

Denis: Tranquilo. Professor Flávio, boa tarde! Eu sou o Denis, o bolsista do Centro de Memória. Em nome do Centro de Memória, a gente vem te agradecer pela disponibilidade, pela atenção de poder está cedendo, estar fazendo essa entrevista aí com a gente. Vai ser, hoje vai ser muito importante falar com você, Flávio, pela sua trajetória aí, pela sua carreira, pela sua história no IFMG. Aí a gente tem essa proposta né, de percorrer essa história do IFMG desde a sua formação a sua fundação, então, assim, pegar a história institucional e traçar a identidade institucional, percorrer alguns processos, assim, caros que muitas das vezes, assim, a gente não encontra os próprios documentos, né, e aí a gente tem as pessoas, as testemunhas oculares, as pessoas que participaram ativamente desse processo assim de fundação de uma instituição. Então, a gente te agradece mais uma vez por isso, tá!

Flávio: Espero atender um pouco a expectativa de vocês aí, tá.

Denis: Tranquilo, vai sim, professor! Seguinte, uma primeira questão para o senhor, eu queria perguntar para o senhor, pedir para o senhor falar um pouco da sua formação, da sua trajetória acadêmica, sua formação, por exemplo, até o momento do concurso que o senhor fez, o concurso e entrou na Escola Agrotécnica de Bambuí. Ainda era a escola agrotécnica de Bambuí?

Flávio: Sim, ainda era escola agrotécnica. Eu sou engenheiro agrícola, formado na antiga ESAL, hoje chama UFLA, na época era Escola Superior de Agricultura de Lavras. Formei lá em julho de 90. Passados aí uns... menos de um, fui trabalhar um pouco em Juiz de Fora com um tio meu, ele tinha uma construtora lá. Depois eu passei em um concurso na EPAMIG, Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais, e nessa unidade da EPAMIG, além de ser um centro de pesquisa, nela funcionava uma escola agrotécnica também. Acho que lá também foi uma grande escola para mim, fiquei quatro anos e eu gostei bastante de lá, e durante o período que eu estava lá, eu fiz também um curso de licenciatura plena pelo CEFET/MG que foi a minha segunda graduação. Posteriormente, me afastei da EPAMIG, fui fazer mestrado em irrigação e drenagem em Lavras, de novo na UFLA, e quando eu estava lá com os meus 10 meses de mestrado apareceu um concurso em Bambuí, em 97, e eu fiz e estamos aqui até hoje, já se passaram esses 23 anos, fez agora dia 4 de julho, entrei em exercício aqui. E de lá para cá, em termos de professor, eu... a gente quando é escola agrotécnica, não sei se nenhum de vocês... não deve ter pegado a Escola Agrotécnica ou CEFET, a gente era meio clínico geral, a gente chega dando aula é como se fosse um avião caindo, e a gente começa a dar aula para os alunos... Então eu comecei dando aula de desenho técnico, topografia, construções, mecanização agrícola, para posteriormente chegar na irrigação. E meus 97 para 2001, com 4 anos de escola, comecei a participar também do processo de “cefetização” que a Escola Agrotécnica de Bambuí participou, e eu fiz parte da comissão aqui de Bambuí que foi até Brasília apresentar o projeto. O projeto envolvia professores de algumas áreas, e das ciências agrárias eu fui o representante, houve umas reuniões aqui na Escola Agrotécnica na época com diversos núcleos e foi feita uma compilação de dados, e eu fui responsável por marcar as ciências agrárias, depois a gente foi lá em Brasília, dezembro de 2001/2002 a gente estava lá fechando esse projeto lá. Foi meio que no apagar das luzes, no final do governo do Fernando Henrique

Cardoso. Participamos, na época de Bambuí teve Januária, Rio Pomba, de Uberaba, e Bambuí, né? Eram uns cinco CEFET's, seis com o CEFET/Minas, eram esses aí. Daí para lá, estamos aqui dando aula em Bambuí, depois trabalhei, depois passa dessa época de "clínico geral", depois que passou desse processo de "cefetização", passou bastante o número de vagas e com isso eu pude focar só na área de irrigação e drenagem. Quando começou o processo de curso superior, com a abertura do CEFET, foi possível fazer curso tecnológico, depois bacharelados e eu dei aula também na estatística, desenho técnico, no curso superior e aí hoje eu continuo dando aula no curso de agronomia e nos cursos técnico agrícola, mas focado na área de irrigação e drenagem e hidráulica. Ah, gente, não sei se era, mais, basicamente é isso. A questão também de direção, eu disputei uma eleição direta, porque até então as escolas agrotécnicas e os primeiros CEFET's, eles viraram CEFET's mas tinham a cabeça de Escola Agrotécnica ainda, eles tinham a eleição onde o Conselho Diretor, né... eles tinham 10 pessoas, assim, que elegiam, indicavam nomes para o Ministério da Educação, e eles nomeavam os mais votados, normalmente um acordo ali entre esses... normalmente um consenso entre eles lá. Eu participei da primeira eleição direta que teve aqui em Bambuí eu participei em 2007 e depois fui reeleito em 2011, comecei com CEFET/Bambuí, depois de um ano e meio já foi a transformação para Instituto Federal de Minas Gerais. Fui nomeado *pro tempore*, fiquei nisso até 2011, e 2011 houve a eleição para diretor de campus e reitor, a primeira fui reeleito e fiquei até o final até 2015, acho que foi em 8 de outubro de 2015, alguma coisa assim. Era mais ou menos isso que você estava esperando, Denis? Pode complementar a sua pergunta aí!

Denis: Não, assim tá tranquilo! Só isso mesmo, para fazer esse percurso, né, da sua formação mesmo até a entrada, no caso, na Escola Agrotécnica mesmo, passando pelo CEFET, IFMG/Bambuí.

Flávio: Ok

Douglas: Flávio, continuando aqui nessa linha, você até já citou que você foi diretor em dois momentos, né, no CEFET, depois reeleito quando já era IFMG, então eu queria perguntar para você na verdade o seguinte: quais as funções que você desenvolveu de

gestão dentro do CEFET, aliás desde a Escola Agrotécnica, IFMG, assim, para além da direção você citou, você desempenhou alguma outra ou um outro cargo na gestão das instituições?

Flávio: Não, exceto esses órgãos de conselhos que a gente faz parte meio que automaticamente, eu fui eleito antes de ser Diretor Geral, eu fui eleito membro do Conselho de Diretor que tinha, participei de CPPD [Comissão Permanente de Pessoal Docente], fui presidente, depois eu participei do conselho de... Conselho de Diretor, mas já no CEFET/MG, basicamente foi isso. Como substituto, fui nomeado coordenador de transporte e mecânica, mas basicamente, não. E depois, era bem dividido essas coisas, sabe? Eram outros pequenos que dominavam essas escolas, vocês estão fazendo esse histórico aí, pode ser que vocês cheguem a algum conhecimento desses casos, mas os grupos que vinham dominar esse tipo de setor eram cheios, eram meio que fechados, né. Depois com a eleição direta que as coisas mudaram e criou-se mais oportunidades para as pessoas. Mas como gestor, não, não participei de nenhuma outra coisa, não que eu esteja me recordando, não. Foi mais isso que eu te falei mesmo.

Denis: Professor, Flávio, você foi, fez a sua licenciatura, foi licenciado pelo CEFET, né, e permanece como docente até hoje, e aí o senhor falou que passou por várias áreas, né, como docente, e eu queria saber, assim, como que se deu, no caso, seu interesse pela gestão, como que foi percebido isso, assim, na sua avaliação, por exemplo, houve alguma tensão, algum conflito entre o ser docente, Flávio, professor, depois esse Flávio que vai assumir essa função como gestor?

Flávio: Acho que assim, todas as pessoas que tendem a tentar uma área... Gestão, na minha opinião, já surge mais por conta de insatisfação com alguma coisa. Então a gente já vinha na escola há quase 10 anos, na época então a gente achava que as coisas poderiam ser diferentes, que a gente poderia contribuir. E, além disso, é aquela questão do desafio, né? Quando você está subindo, indo para escola, você pensa assim: vou fazer mais 20 anos daquilo que eu faço que é dar aula. Mas aí me encontrei como professor e já vai fazer 27 anos como professor, e gosto, mas você precisa daquele desafio para provar pra você mesmo que aquele menino que saiu de lá de Lavras, com

pai e mãe muito simples, que se tivesse um desafio maior que poderia encarar e dar conta disso, e foi assim. E as pessoas, algumas chegaram para mim: “professor você poderia tentar”! Enquanto essa eleição for dessa forma, que não for por quantidade de votos, a gente não tem como participar disso... Teve uma anterior, a nossa que eles... o diretor então da época, ele antecipou o mandato dele, ao invés de ser quatro, ele fez em três anos para pegar o modelo de eleição anterior, que a eleição era 70 por cento de peso de votos para professor, 20 para técnico administrativo e 10 para aluno. Então, nesse antecipar, o que ele fez da eleição, de antecipação... Ainda éramos uma escola com 27 professores, então você pega, o diretor está ali com seus cargos e funções, pessoas que estão ali há mais de 40 anos, na época então era lutar contra leões, não tinha como. Mas eu apoiei um colega meu que foi candidato, foi muito importante esse marcar presença, que existia uma oposição que gostaria de ver a escola com outros rumos e aí participou, e sabia da questão que era difícilima, quase impossível, tanto é que não ganhou mesmo. Mas aí ganhamos presença, a partir daí a gente passou a ser uma referência de oposição na escola. Quando vocês que moram e estão trabalhando lá em São João, escolas pequenas onde a gente tem um eleitorado mais “corpo a corpo”, dia a dia, a gente está conversando com um e outro e outras pessoas além da verdade, elas querem mudança para ver se tem oportunidade, algumas querem ver uma transformação daquilo e que a mão mude de poder para que nessa mudança de poder surjam outras oportunidades para outras pessoas também. Então, assim, essas pessoas foram se juntando e aí teve um concurso grande, que foi quando entrou Neimar, que você lembrou há pouco, Pablo. Entrou Neimar, Alexandre, Washington Santos Silva, Gabriel, pessoas que fizeram parte da minha equipe desde o início, pessoas que vinham assim com a mentalidade diferente e fomos fazendo amizade e fomos conversando. Até que em um determinado momento em que foi publicada a mudança para eleição para 1 terço. Agora a gente pode começar a pensar nisso... pelo menos a disputa agora vai ser de igual para igual, e foi assim, converso ali e aqui e vamos ver no que isso vai dar... Mais novo e mais entusiasmado, mais cheio de vontade, foi por aí, mas o desafio de querer provar que você pode fazer algo a mais, e acho que nós fizemos, sim, foi muito importante.

Douglas: Bacana, bacana, bem legal mesmo! E agora falando um pouquinho já do IFMG, para você principalmente naquele momento de fundação e agora passado quase 12 anos, a fundação que se deu em dezembro de 2008, o que é o Instituto Federal do

IFMG na sua opinião e como que você via esse projeto, o que você imaginava desse projeto institucional do IFMG lá na fundação?

Flávio: O projeto, ele tinha uma ideia muito fantástica, né! Uma ideia muito boa! Quando nós éramos ainda CEFET, eu me lembro uma vez de uma reunião com o então deputado federal Virgílio Guimarães, vocês lembram disso? E nós fomos no gabinete dele lá em Brasília e na época fomos eu o Caio, que era de Ouro Preto, Ronaldo de Uberaba, o diretor de Januária, Paulo e o Mário Sérgio de Rio Pomba, a gente conversou porque a preocupação maior nossa é a questão de ser uma autarquia, quando você cria um instituto baseado em uma reitoria e com vários campus ligados a essa reitoria, aquela autarquia que tinha tomadas de decisões no interior perde um pouco o status dela, digamos assim, e o interior vive muito disso, nós temos uma autarquia que vai perder. No início foi uma guerra de nervos, né. Mas a ideia é a seguinte: vai ter um reitor só para Minas. Eu não falei do Flávio [Flávio Antônio dos Santos] que é reitor do CEFET/Minas, porque ele tinha deixado bem claro que não ia participar disso porque a ideia dele era tentar uma Universidade Federal Tecnológica igual tem hoje no Paraná, e o governo até então já tinha chamado ele para conversar o Haddad, o secretário substituto que me fugiu o nome dele aqui, Gleisson [Gleisson Cardoso Rubin]. E conversou: “isso não vai sair, porque até então as experiências com universidades tecnológicas não eram boas”. Eles não tinham gostado, então o projeto agora é Instituto Federal e a proposta era meio, pelo que a gente entendeu, no início era bem parecida com a estrutura administrativa da Universidade Federal de São Paulo, aliás as estaduais de São Paulo, que têm a reitoria na capital, que é a sede administrativa, que a ideia era muito boa, e no interior ou fora ali do centro administrativo, aconteceria as aulas. E para o governo, a ideia do governo era a seguinte: ao invés que ter o que tem hoje, na época tinham mais de 120 Escolas Agrotécnicas, sei lá quantos CEFETS, ao invés de ter esse tanto de gente deslocando para Brasília, com alto custo, para discutir orçamento e solicitações com o Ministério, que fosse um representante de cada Estado. Entendeu? Economicamente os diretores de campus iriam até a reitoria, discutiam essas questões, como fariam isso, e a partir daí iriam para Brasília buscar soluções, orçamentos etc. E aí virou aquela questão de política também, né, foi o estresse inicial foi muito isso, porque o próprio Virgílio Guimarães disse isso, é, o projeto de CEFET, falou isso conosco lá, nós vamos incluir as Escolas Agrotécnicas, enfim, até então foi assim e virou questão

política mesmo, tem deputado federal aqui, outro ali, prefeito que tem mais pressão falando aquele negócio todo: “olha um só para Minas não dá, Minas é muito grande, muito heterogênea”. “Não, vão ser dois Institutos, não, vão ser três”. Por fim, o Virgílio disse: a criação do Instituto passa por essa mesa e será um instituto para cada CEFET, já excluindo, assim, o CEFET/MG. Nesta reunião já estavam os diretores e assim foi criado, Minas Gerais foi o Estado criado com o maior número de Institutos e... Mas a proposta inicial, a nossa, tanto se você olhar no mapa, Bambuí não está nem no Triângulo Mineiro, não está nem no Centro e nem no Sul, então o estresse disso foi isso porque o Caio tinha proposto um... estava propondo um estudo e a gente não queria ficar com essa região aqui... Só foi que o Gleisson, que foi o substituto do secretário, porque veja bem, tinha o Haddad tratando diretamente com o Gleisson, tinha o secretário do ensino médio e tecnológico que era o Eliezer Pacheco, que ele era meio que uma figura figurativa, assim, gerou até um ciúme disso, posteriormente o Gleisson chegou até a sair do ministério. Ele trabalha junto com o Paulo Guedes, o Gleisson é um cara inteligentíssimo que tinha o controle dos Institutos na mão e então ele falou: “olha, Flávio, você tem que juntar com as Escolas Agrotécnicas e tal”... E aí, né, então seria a Escola Agrotécnica de Muzambinho, a de Inconfidentes, Machado e o CEFET, e quando nós fomos para Machado, em uma reunião, nós chegamos a se reunir, a equipe que estava comigo que já fazia parte da direção do CEFET de Bambuí, lembro aí do Neimar, do Oiti, do Washington, essa equipe que ajudou a formatar a proposta, o atendimento ao edital e tornou possível a criação do Instituto. Então, nós formatamos isso, juntamos e basicamente foi essa turma nossa que cuidou disso aí do CEFET/Minas, Bambuí, e... Mas chegou um ponto, veja bem, como eu disse para vocês, o estresse inteiro que estava, se eu estiver me alongando muito, vocês fiquem à vontade para me interromper, tá? Você me perguntou e a gente vai puxando da memória o estresse que surgiu no início. O Flávio foi o primeiro estrangeiro diretor da escola, sabe? Então, como eu disse antes, tinha aquela questão, se vocês forem conversar com as escolas do interior, São João, vocês vão ver que as coisas eram mais ou menos assim: “olha, agora vai ser diretor tal”. Tinha essa coisa combinada. Aí chegou um cara com pouco tempo de casa, 10 anos, participa da eleição e ganha. Foi um estresse, um choque de gestão, que logo que a gente tomou posse, logo como CEFET, estou dando um gancho e vou chegar no que quero falar com vocês, cheguei para o Gleisson, na posse e falei: “olha, lá virou CEFET em 2001 para 2, nós estamos em 2007 e a escola ainda tem cabeça de Agrotecnica, queria ter uma liberdade de criar uma estrutura, um

organograma de acordo com o que a gente acredita que deva ser um CEFET”. Ele me deu carta branca, foi quando eu criei as diretorias, a diretoria de pesquisa, de extensão, diretoria de administração, foi estruturando, fizemos um organograma muito bacana e isso foi um choque de gestão. Você chega aqui... Porque falava: “Porque antes, quando o fulano de tal era diretor, tinha a gente de confiança dele. O Flávio tomou posse, então ia ter a equipe de confiança dele e a gente vai substituir as pessoas que estavam há muito tempo ali”. E nisso virou uma oposição ferrenha, doentia, para a gente aqui que era uma coisa meio complicada, e pelo andar da carruagem essas abóboras se ajeitam e essas abóboras não se ajeitavam de jeito nenhum. Ia piorando, ficando mais doente, a quantidade de gente que entrou com atestado médico... E aí, quando veio essa proposta o povo aproveitou para detonar: “vamos perder a autarquia!” E aí, vem aquele negócio, gente... E aí, eu pensando e conversando em reunião, que a gente divergia muito, brigava muito em termos de discussão essa minha equipe, mas a gente no final dava certo, o importante é que não pode ser uma mesa em que todo mundo concorda com você que não dá certo, e a gente foi conversando e tal, e a gente falou assim: “olha, a gente quer sair dessa proposta do Sul de Minas”. Porque é assim, olha, entre você perder a autarquia para uma escola vai estar com a sede na capital do Estado, e perder para uma que está em Pouso Alegre... psicologicamente dá um efeito bem diferente. E na época, o porquê de puxar para Pouso Alegre, tinham três campus lá próximos e eles deram um jeito votaram e articularam para ficar lá próximo, né. Então Bambuí, apesar de ser um projeto que a gente estava encabeçando, meio que representando, acabou que... E tinha lógico, São João Evangelista, e imagina bem, o IF do Sul de Minas, estava lá Machado, Inconfidentes, Muzambinho, um em torno do outro ali, 70, 80 quilômetros um do outro, aí veio o Kléber que tem que pegar 30 horas de voo... Brincando, hein, Denis! Hoje, para ele era sei lá, 12 horas de viagem é muito chão, chegava um bagaço lá. Se fosse só Pouso Alegre, mas tinha que ir mais longe ainda, e aí um dia ele ligou para mim, chegou conversando, “aqui ó Flávio”, o Kléber, né, “o Gleisson me ligou, vou ter que sair, vou ter que ficar com o CEFET com a proposta do Instituto Federal de Minas Gerais. Aqui em Ouro Preto está mais próximo para a gente, não vai ter como continuar não.” E conversando comigo, “olha, para a gente também está ficando muito fora de mão”, e eu falei, “vamos calçar a cara e sair de lá”, e isso assim no apagar das luzes de encaminhar a equipe formatada, eu liguei para o Ministério da Educação, falei com Gleisson, ficamos 40 minutos no telefone, aquela coisa, discutimos muito, e ele falou: “olha, Flávio, vem cá, vocês vão entrar em um ônibus no banco do fundo.” E eu

falei, não tem problema, não, se tiver janela a gente toma vento! Mas, a verdade é que nossa equipe, enquanto formatada com cara de CEFET, com a estrutura organizacional que a gente já tinha montado e que nós colocamos pessoas nossas lá na primeira montagem que o Caio fez, que foi bem democrático no início, e a gente participou disso aí... Mas sabe que eu acabei me perdendo, fui fazer um link tão grande que fui lá em São João Evangelista e me perdi com o que eu estava querendo linkar... Mas, enfim, foi uma proposta inicialmente interessante, voltando e finalizando a segunda parte desta pergunta, o que eu achei disso, eu me lembro depois do estresse todo, cheguei com Gleisson, ele estava com dificuldade, e ele falou: “olha, Flávio, vocês estão entrando em um momento ímpar da Rede Federal técnica, é difícil essa mudança, é complicada, muda parâmetros, muda jeito de ver as coisas, mas é um momento ímpar”. E dentro, acho que talvez no Brasil como um todo, o campus que mais cresceu nos primeiros 4 anos talvez tenha sido o de Bambuí, vocês podem dar uma verificada aí, a gente brincava que nem Ouro Preto, que estava com o reitor lá, conseguiu tanto. Eu tinha uma equipe ótima, a gente colocava eles para fazer projeto, para trabalhar, naquela época a gente saía mesmo, como realmente estava essa expansão muito grande, a gente colocava projeto nas costas, literalmente, ia lá no Ministério da Educação, apresentava os projetos e conseguia as verbas para nós. Passamos pela reitoria e tivemos muitos momentos que a gente conseguiu captar bastante. Nós saímos de uma escola na época com pouco quando eu peguei e assumi a escola, com 100... 40, 50 mil metros quadrados de área construída, já entregamos, no primeiro mandato nosso com mais de 150 mil metros de área construído, e além dessa área física o importante também foi o maior plano de capacitação de servidores e professores. Nós tivemos no Brasil como todo, a gente chegou lá, o Neimar tinha a visão muito boa junto com a equipe de administração, junto com a escola, e nós fizemos o plano de capacitação, capacitamos, assim, 20, 30 servidores de uma vez, desses aí 23, 24 eram professor só com graduação ou só com mestrado, que já viraram mestres e doutores, e nosso nível de escola subiu muito a avaliação dos professores, tanto que no início de 2008 a gente foi reavaliado e nós ficamos, se vocês pegarem a história aí, o campus Bambuí, CEFET/Bambuí, ficou como maior Centro Federal de Educação de Minas Gerais, e o terceiro da região sudeste, nos jornais aí tem. Então foi muito importante esse choque de gestão, então foi tudo muito bacana, a ideia era muito interessante. E qual o orgulho nosso que eu falo muito, a gente, eu entrei em uma escola que só ofertava curso de técnico agrícola, em 97, e saí trabalhando como professor depois de 2015 já formando mestres, então você

pensa bem, nós começamos a fazer engenharias, começou essa transformação de cursos superior, na época CEFET, e o ex-diretor tinha uns cursos superior mas era bacharelado, engenharia e mestrados foi na nossa gestão, e hoje Bambuí já formou mais de 80 mestres. Então você pensa bem, em uma cidade que só tem... Fala muito que as escolas federais têm muita elite, Bambuí, nosso público, nossos alunos, mais de 90, 95 por cento são alunos muito pobres, de famílias muito pobres, e que fizeram bom uso e ainda fazem de auxílios estudantis que também vieram com aquele programa, auxílio moradia, transporte, alimentação e mais por monitoria etc, então a pessoa tinha o momento que ela poderia pegar 5 ajudas do governo, então isso foi muito importante para alunos nossos. Então aluno pobrezinho... tem aluno meu que entrou como técnico e saiu como mestre na escola. Então eu vejo com bons olhos a criação dos Institutos, tá! Mas a proposta, não sei se vocês tiveram acesso ao edital inicial, aquela chama pública do IF, não sei se vocês viram isso, então ela tinha uma proposta muito bacana, só que depois, no cabar do mandato do Lula, e foi, teve a fase I, fase II, fase III, quando veio a Dilma, para poder atender parceiros políticos, a coisa meio que esculhambou. Você, veja bem, com essa última fase foi criado, por exemplo, Piumhi, Arcos, vou falar do lado de cá, vocês podem lembrar de algum outro onde vocês moram aí, essa última fase foi criado campus para tentar... Nem seria campus em si, né, me fugiu o nome aqui... Para ter 60 professores, cada um deles, e 20 técnicos agrícolas ou 30 técnicos agrícolas, alguma coisa assim, não sei se vocês se recordam disso, e seriam duzentos campus no Brasil, foi assinado isso, bacana, passou um tempo, quando saiu o edital e inúmeras cidades não foram atendidas e, lógico, diversas pessoas foram reclamar: “nós apoiamos o governo, votamos”, foram lá reclamar. Então, a partir de hoje não vai ser 200, vai ser 400, só que ao invés de aumentar professor e técnicos administrativos, pegou 60 professores e dividiu por 2, e virou 30 professores e dividiu administrativo também. Não satisfeito, outras “n” pessoas reclamaram e dessa vez passaram para 600 campus, então você viu o volume. E aumentou o número de servidores? Não, o bolo era o mesmo, estava só dividindo. Aí esses campus foram feitos para ter 20 professores, e um terço dos professores iniciais, e aí satisfez um monte de gente, né? E bom, foram feitos só para ser técnicos cursos técnicos, preferencialmente subsequentes e também por pressão de política, prefeitura e etc virou... Tem escola oferecendo bacharelado, engenharia, sem ter professor e estrutura para isso, então o grande câncer disso tudo foi essa questão da politização, tudo teve política, senão não teria virado Instituto. Se não fosse política, ótimo, mas o que esculhamba é o querer agradar... É o princípio do

fracasso que o Kenedy já falava, você quer ter fracasso, você tenta agradar todo mundo, não tem jeito. E o edital inicial que previa um campus com distância mínima de 80 km um do outro e outras situações, tinha respeitar a população que tinha no ambiente, passou a não respeitar mais, então aqui mesmo tem Formiga, Bambuí, Piumhi, Arcos, então aí você divide a potencialidade das coisas, do grupo de docente, professores, né, mas é isso, Denis, foi meio longa sua resposta, mas não sei se te atendi.

Denis: Tranquilo

Flávio: Fica à vontade para pedir complementação aí.

Denis: Tranquilo, super tranquilo. Perfeito, professor! Seguinte, Flávio, lá no momento da formação do IFMG, em 2008, você assume aí o cargo de Diretor Geral. Tem, assim, uma percepção do que era o IFMG, por exemplo, nesse momento de junção aí das três escolas, Bambuí, São João Evangelista e Ouro Preto, uma percepção do que era esse IFMG, sua proposta institucional ali nascente? E passado esse tempo aí, doze anos, né, como que seria o balanço a ser feito, mudou muita coisa de lá para cá?

Flávio: Eu... O início era um casamento difícil! Eu bem que, eu... é igual história de uma casamento, o casamento tem tudo para dar errado, você pega duas pessoas criadas em ambientes diferentes, gostos diferentes, pais diferentes, aí coloca para dormir na mesma casa, na mesma cama, aí vira uma guerra, né. Então, assim, tinha aquela sensação inicial de perdas, né. Isso querendo ou não tem... Por exemplo, Bambuí colocou pró-reitores lá, pró-reitores assim como São João Evangelista, Ouro Preto etc, e foi um momento muito complicado. Mas a gente tinha pelo menos... Assim, ao mesmo tempo que foi complicado a convivência, ela tinha momentos que ela chegava a ser divertida também, né, porque muda muito, muitas coisas, né. As escolas do interior deixam de ter acesso à Brasília, fica mais limitado isso, aí você vê só a reitoria indo, tem muitas pessoas que se sentem desprestigiadas. Mas eu acho que passei bem por isso, eu tive muitos embates com o então diretor que era o reitor, que era o Caio, mas eu tenho muito respeito por ele, ele foi extremamente importante porque ele era muito político,

muito do que a gente conquistou, apesar do que eu tenho hoje com ele venha a ser por causa de estresse mesmo, mas eu reconheço a importância dele como gestor na época pela facilidade que ele tinha de ser político, de captar e buscar ser desprendido, sabe, isso foi muito importante. E eu acho que, assim, o Instituto Federal começou com uma equipe muito disposta a trabalhar, muito, e acho que Bambuí contribuiu muito, pela aquela estrutura que falei para vocês que a gente deu um gás no início, que permitiu montar o nosso organograma, nós montamos e fizemos os concursos na área de informática, de TI e muita gente nossa foi para Belo Horizonte ajudar nessa transformação. Então, esse casamento para poder conversar... essa parte, né, que até hoje... Já houve um problema, tinha o Conecta e não sei o quê... Vamos começar com Bambuí, muita gente ficou doente com isso, isso porque cada campus tem suas particularidades, cada campus rodava de um jeito e isso para poder ajustar, lapidar isso, é muito difícil, muito difícil. E aí veio nossos grupos, ficaram quase que 8 anos na gestão que mudou pouco isso, mas os primeiros 3 anos, 7 anos, sei lá, foi muito, muito difícil. Mas, ao mesmo tempo, a gente tinha o consolo de que o que a gente estava projetando em termos de conseguir professores capacitados, professores que construíam, faziam uma escola, construímos uma escola, né? Acho que o grande pecado do Ministério da Educação foi propor algo que ele não tinha a ideia de como ia ser, sabe, assim, ele tinha uma ideia de como funcionava a universidade do Estado de São Paulo, mas, ao mesmo tempo, jogou todo mundo em um lugar e “cria um modelo”, não tinha um modelo, então aquele que sai na frente que apresenta um modelo, todo mundo tenta copiar, daqui a pouco muda... Foi gente nossa apresentar o nosso modelo em outros institutos, rodou e tal. Então eu vejo que hoje a gente em termos de escola é mais que conhecido, né. Os Institutos, tá? Porque antes ninguém falava: Escola Agrotécnica, que a gente sempre foi o patinho feio, virou CEFET, e tinha os “cefetinhos” e “cefetões” então só mudou, mas continuava com aquela discriminação. Então tinha CEFET Rio, Paraná, Belo Horizonte, lá no Norte tinha um outro lá, então eles tinham um status diferente mesmo, e o CEFET/Bambuí, Rio Pomba, aquelas coisas pequenas, Januária que foi criado no apagar das luzes, então era meio assim de lado... E hoje, como o governo teve uma proposta de investir na marca IF, né, e realmente ele fez isso aquém do prometido mas fez, então hoje você vê as vezes um Ministro da Educação falando que universidades e Institutos Federais... não se falava isso antes, sabe? Antes era universidades e os outros, hoje você vê um ministro de planejamento falando de orçamento de Institutos e universidades, isso não se falava antes. E até para fazer greve,

antigamente as Escolas Agrotécnicas não faziam greve, né, essa união foi importante até para ter uma paralisação, né, porque as escolas cresceram, né, e o que vem de importante nisso... Eu sempre, porque vou voltar um pouco a falar da questão de eu ser um estrangeiro aqui, porque quando você é um estrangeiro em um lugar, você serve para tudo... Mas não serve para um cargo que você vai ganhar um pouco a mais! Aí eu falava assim: gente, mas a escola vai chegar em um lugar importante, vocês não estão conseguindo ver onde eu estou enxergando, mas vai ser importante para a cidade e o lugar só cresce. Por causa desse choque cultural, vem o Pablo de um lugar, vem o Denis de outro lugar. Flávio que faltou ou ele chegou mais tarde ali? Então as pessoas vão chegando, vão voltando... A menina que sumiu, a Livia, cadê ela, não estou vendo ela? Enfim, as pessoas vão juntando, vão somando as experiências.

Livia: Estou aqui nos bastidores! Está muito gostoso de escutar, viu?

Flávio: Ah, sim! Pois, então, cada um traz sua história. Tá ok! Tá bom, Livia, obrigado! Mas, enfim, as pessoas, cada um que traz sua história, traz seu momento e cria, então eu vejo assim do que a gente começou, e que poucos viram onde a gente queria chegar e como está hoje. A cidade mudou muito, né? Eu falo por Bambuí e consequentemente isso vindo de Belo Horizonte, dos “n” campus que nós temos hoje, mais de 20 me parece, então a gente percebe que houve um impacto. Acho que não teve tanto impacto em nenhuma outra cidade quanto... Mas hoje é visto com bons olhos os IF, houve uma importância. Bambuí hoje é o comércio, nessa época de pandemia sentiu demais, igual quando tinha greve, eles ficavam doidos, imagina hoje, né? Você tem uma cidade que a escola nossa deve ter mais de 1800 alunos e acredito que mais de 1200 não sejam moradores de Bambuí, e isso gera um impacto grande em uma cidade de quase 20 mil habitantes, como também é em São João Evangelista, Ouro Branco e por aí vai, as escolas onde mais tem alunos aí. Mas, sim, eu acredito que houve um, foi importante, sim. Agora, a questão maior disso tudo é lidar com vaidades, né? Todas as vezes que você propõe alguma coisa, quem propõe vai mexer com gerenciamento de conflitos. Até você colocar uma ideia que você teve ali... Eu fiquei muito na frente, eu tomei muita pancada. Fui lá em Belo Horizonte e falei: a gente está aqui no campus e a gente ficou muito no tiroteio. E essa gestão que veio depois da minha ela pegou o caminho mais azeitado, não teve aquele estresse inicial de sair de uma autarquia do interior, só com

gente daqui que estava no comando por 40 anos. E pegar uma turma nova com propostas, e eu peguei um povo muito bom de serviço, muito disposto a trabalhar. Você trabalhou com o Neimar, sabe; o Oiti; em Formiga hoje, o Robson; também o Gabriel que já foi Diretor de Ensino. Então todo mundo, meu vice diretor, citar nomes eu acho muito injusto, mesmo as pessoas da reitoria que a gente convivia pouco na época, e os que convivia bastante... Não vou citar nenhum nome porque a gente acaba sendo injusto, mas, assim, a gente brigava, divergia, mas era tudo para convergir em uma coisa que a gente acreditava, sabe? A gente trabalhava muito, trabalhamos muito mesmo, e eu acho que o resultado foi positivo, não tanto pela saúde, a gente acaba ficando doente, mas estou falando do caminho que a escola tomou, sim, foi bacana para todo mundo, né.

Douglas: Bacana, muito legal! E ainda nessa linha né, da lei 11.892 que cria os Institutos Federais, professor Flávio, você conseguiria falar para a gente, bem, como foi o processo de criação do IFMG, como que foi essa criação, esse contato aí, de repente, aí com Ouro Preto, São João Evangelista, para a gente chegar até o IFMG?

Flávio: Bom, como eu te disse, inicialmente nós... até por sugestão do Gleisson, do Ministério da Educação... Depois que eles decidiram que seriam um Instituto, dois, três, quatro, cinco, para Minas Gerais, e que nós fomos: “vocês tem que ficar com o Sul de Minas, Inconfidentes, Machado”, e aí por questão de afinidade que o Kléber tinha, a escola agrotécnica de Muzambinho tinha muita afinidade, então qualquer evento que eles tinham era junto também com o CEFET. Eles tinham, esqueci o nome da reunião das escolas agrotécnicas lá, então o Kléber tinha muita amizade com eles, então nós começamos lá. Bom, depois que a gente decidiu mudar, o Kléber começou a achar muito longe, como de fato era Pouso Alegre, e eu também pelas questões que eu coloquei anteriormente aí. E a gente foi para o Instituto Federal de Minas Gerais e no início não foi muito legal, não, existiu um pouco de atrito que nós tínhamos, eu tive até muito atrito com o que foi diretor de Ouro Preto, que depois se tornou um grande amigo meu, que faleceu o ano passado, o Artur, gente muito boa. Tive um atrito muito desagradável com ele que até o Kléber presenciou, mas, enfim, não foi legal no início, não. Não foi, não, muito difícil! Principalmente que você não tinha um roteiro a seguir, né. Então você vai ser pró-reitor de ensino, o que eu vou fazer com isso? Você vai ser administrativo e você de planejamento, e você de extensão, o que eu vou fazer com

isso? E todo mundo aprendendo a trabalhar, por mais que as pessoas tivessem os títulos de mestres e doutores, nós éramos professores botando as caras para tentar administrar alguma coisa, criar alguma coisa e foi o que a gente fez. Mas o início, não, não foi nada agradável, não, e até que tivemos uma... até por questão de sede teve um atritozinho do próprio Kléber como Caio na época: “se você comprava aqui Buritis é mais perto”, até essas coisinhas... Então era assim, um empresta uma coisa, outro empresta um carro, outro empresta uma moto, outro um ônibus, nós fomos muito bem recebidos pelo pessoal de Ouro Preto, mas essa rusga que teve entre servidores passou até para aluno, sabe? Tinham jogos que tinham rixa entre São João Evangelista, Ouro Preto, outros campus... Essa parte não foi legal, não, mas tudo faz parte do crescimento, dos sonhos das pessoas de querer participar de estar junto, né. Mas se você me perguntar se foi bom no início, não, foi muito difícil, extremamente difícil, reuniões longas, cansativas, desgastantes, muita discussão, até que a coisa começa acho que depois uns 3, 4 anos, as coisas começaram a ter um rosto, né. Começou a ter um rosto, sim, acho que sim, e esse rosto é mais ou menos o que está sendo conduzido hoje, muda um pouco o nome, mas a estrutura não é diferente do que a gente propôs lá atrás, não. E como que foi essa proposta? Como ninguém tinha proposta nenhuma, a gente partiu da pesquisa. Como funciona uma universidade? Como funciona um setor de pesquisa? E foi assim, pre-reitoria disso em tal lugar, e disso e daquilo, vamos ver como funciona, vamos tentar colocar isso aqui, e foi ajustando. Existia até contra os Institutos na época os próprios servidores do Ministério da Educação porque... e de universidades também, porque muitas vezes a proposta do Instituto, vocês conhecem, inicialmente era oferecer o curso tecnológico de curta duração e técnicos integrados e subsequente etc, então existia alguns casos assim: função de Instituto não é mexer com pesquisa extensão. E a ideia inicialmente de fato era essa, apesar de estar lá no projeto de lei, fazer extensão pesquisa etc, isso não era a ideia inicialmente do governo, a ideia do governo em si era organizar, juntar as escolas técnicas para ter menos pessoas conversando com o governo em Brasília, essa era a proposta. Então quando a gente começa a mexer com pesquisa e extensão a gente custou a ter investimento, a primeira bolsa que nós tivemos de CNPQ foi uma luta, e a gente teve que provar, teve que ser premiado para a gente poder ir em Brasília na época, foi até o Neimar que conseguiu a bolsa no CEFET, ainda tinha preconceito com CEFET. Então, assim, a gente investia em pesquisa e extensão, mas não existia interesse das empresas em ajudar igual nas faculdades federais, então tudo era muito lento porque o pessoal não via isso... “Olha, o IF tecnológico é para formar

mão de obra a curto prazo para cair no mercado de trabalho”; essa era a política do governo e por assim, digamos, insistência de diretores gerais de campus e que tinham nisso representantes lá, a gente foi colocando as engenharias... Porque os cursos tecnológicos não foram bem trabalhados no Brasil, na Europa tem curso tecnológico fantástico, nos EUA, mas no Brasil não houve um trabalho em cima dos cursos tecnológicos e nas nossas escolas que tinham cursos técnicos eles eram muito mal vistos. A coisa mais difícil que tinha era explicar para o pessoal do interior o que era curso técnico e tecnólogo, aí eu explicava que o técnico “não dava direito à prisão em cela especial”, nível médio não pode porque não era curso superior. Mas mesmo assim eles viam com desconfiança “se a cela seria com luz ou sem luz”. É por causa disso que nós tivemos cursos fechados, muitos tecnológicos na área de informática e alimentos em outros campus tiveram também e não eram vistos com bons olhos e não tinha procura, tinha rejeição, o pessoal gosta do status que está fazendo uma engenharia, um bacharelado disso e daquilo. “Ah, eu sou tecnólogo”, o que é isso? É técnico melhorado? Por causa disso, eu não sei se existe algum campus que oferece esse curso tecnológico, o que eu sei é que vários campus do Brasil como um todo foram abandonando os cursos tecnológicos e investindo em bacharelado, em veterinária, etc etc para poder atender um público alvo que eles acham que tem.

Denis: Perfeito, tranquilo! Só uma questão, nesse momento aí de fundação do IFMG, você sabe dizer para a gente quais processos burocráticos, assim, tiveram que ser percorridos para essa fundação, você falou de um edital primeiro, né, mas, por exemplo, reuniões, como que foi esse processo mesmo burocrático para essa fundação, assim, esse trâmite?

Flávio: Olha, basicamente a gente focou nesse edital, então o edital nosso era pré-campus, né? Pré... esqueci o termo certo. Tinha um edital para novos campus e tinha edital para campus já em pré-expansão digamos assim, expansão, pré-expansão. E os editais eram diferenciados, mas basicamente era o seguinte: o que você propõe para o instituto? Eu tenho muita dúvida que alguém tenha lido isso no Ministério, mas a gente seguia. Ah, o que você propõe no Instituto? Ah, vai ter uma reitoria, o que vem abaixo das reitorias? Vem a parte de Advocacia Geral da União, vem os assessores diretos, vem os pró-reitores... Como é que vai se chamar isso, vai ser diretor de campus ou vai ser

vice? Até isso se discutia, sabe? Então, desde o início. Como que seria a proposta? E isso ainda nas minhas reuniões de CEFET ainda em Brasília. Como que vai chamar isso? Eu estou falando de embates aqui, mas em Brasília com os Diretores Gerais de CEFET, todo mundo, foi uma coisa terrível! Então, tinham aqueles, digamos, defendendo a ideia e tinham outros que viam com maus olhos. E na verdade era o seguinte, um projeto de governo, quem não entrar vai comer o “pão que o diabo amassou”, alguns falariam com “rabo”, mas não sei se usa isso mais, enfim. Assim como o Flávio de Belo Horizonte, alguns CEFET’s sofreram algum tempo, eles não aderiram ao IF e tiveram verbas cortadas sistematicamente, quando vinha assim para os campus, Institutos, eles tiveram verbas cortadas. A ideia inicial, assim, Denis, não sei se estou conseguindo responder, mas eram assim, focar: você vai chamar reitor, ótimo, e os diretores de campus, qual o peso deles? Apesar de diretor de campus ser diretor de campus e ter nome de pró-reitor, era indiscutível que o diretor de campus, que estão eleitos, tinha um peso maior do que os pró-reitores, mas ao mesmo tempo, existia um e-mail, então tinha CD um para reitor, assim a CD 2 para pró-reitores, diretores de campus... Mas e “diretor de campus”? Depois de muito tempo que falou: acho melhor ficar diretor de campus que vai ficar mais interessante, porque chamar vice-reitor no interior não faz muito sentido. Aí depois, quem vai ser subordinado a quem? E o estresse inicial foi o seguinte, porque o fato é que a ideia inicial do Ministério da Educação seria: o reitor quem faria as reuniões das ideias que vinham dos campus e seria o representante dos campus junto à Brasília, né. Aí, na época o reitor ficou muito bravo: “aí eu vou ficar uma rainha da Inglaterra aqui, vocês decidem tudo”. E aí a ideia era essa mesma, que os campus decidissem as diretrizes etc. Aí começou, então vai ter pro-reitoria de ensino, ela faz as diretrizes, mas quem executa e quem cobra são os diretores de ensino do campus? Lógico, então não era para ter uma interferência assim, inicialmente o orçamento era 100 por cento na Reitoria, então você imagina o trabalho que dava isso, então foi uma luta, um desgaste muito grande para descentralizar isso. Então, de repente, uma escola nossa que já tinha 40 anos que executava tudo, passou a não executar nada, aí a que não executava nada, o campus de vocês ninguém executava, como é que virava isso? Centralizava tudo em um grupo pequeno que não dava conta do serviço. Aí, muitas das minhas brigas, chegava na Reitoria e falava: “olha, vocês que estão aqui, eu vou mandar vir um ônibus aqui para saber para quem vocês estão trabalhando. Vocês estão aqui, mas trabalham para nós que estamos lá. Quem está fazendo a escola rodar, fazendo acontecer, é pessoal dos campus lá.” Então quando você

vai comprar, dar um exemplo, vai comprar um trator: você sabe o que é um trator, você sabe o que é um arado, uma grande, ficar na área de ciências agrárias aqui. Cada um desses exemplos, lá houve essa dificuldade de descentralização, principalmente que na Reitoria começou a abrir concurso e foi um monte de gente lá para a Reitoria que nunca tinha feito, nem sabia escrever licitação às vezes direito, não por culpa deles, entendeu? Não, vocês já participaram, às vezes a pessoa toma posse em um cargo e amanhã você trabalha ali, chega lá, o cara não teve treinamento, não teve nada e, de repente, está mexendo com orçamento do campus e não sabe o que é campus direito, nunca viu aquilo direito... Então houve uma convivência difícil com as pessoas, pessoas que não tinham capacitação para ocupar cargos e não houve um treinamento para eles. O Ministério da Educação não previu isso, e pela velocidade com que as coisas tinham que acontecer não dava nem tempo para treinar as pessoas. “Você senta do lado desse aí e vai tentando aprender”, e ao mesmo que eles estavam tentando aprender, já estava pedindo redistribuição, não chegava a formar uma equipe, um time. Para vocês terem uma ideia, entre quando eu tomei posse, vamos colocar 2001, até quando eu saí em 2015, eu era o único diretor de campus que não dava redistribuição para professor em período probatório, não dava, chegava gente: “ô Flávio, consegui oportunidade em tal lugar”. Você fez concurso onde? “Ah, Bambuí.” Então tá bom, se tivesse em outro lugar estava errado, você fez para cá, tá ótimo. Porque quando você muda um técnico administrativo não gera muito problema, mas um professor gera um caos. Então, como estava tudo nascendo, estava todo mundo querendo entrar e sair, e eu proibi isso. Então em uma reunião o pessoal: “ah, eu não estou aguentando o pessoal pedindo para mudar”. Então por que você não proíbe? “Ah, o impacto político é muito.” Uai, aguenta, eu proibi isso e fui reeleito, né? Então, assim, mas já o diretor que veio depois de mim, está com essa proposta que está até hoje assim, fica quem quer... E o impacto disso na sala de aula é péssimo, vou dar um exemplo de uma disciplina x, física: 3 professores em um ano, não tem sequência, não cria raiz, e quando a pessoa vem, isso até hoje é uma grande crítica minha, quando você permite esse fluxo constante de professor que vocês devem ter visto, que existe esse fluxo de remoção, a pessoa não muda para a cidade, não cria raiz, essa é minha discussão. Eu passei para o concurso de Bambuí, eu mudei, trouxe minha família. É meu direito querer ir embora um dia? É claro que é! Mas, poxa vida, qual é a sua contribuição até isso, melhorei em quê esse ambiente? Então não existiu esse criar esse amor, um carinho aos campus desde o início, todo mundo só queria bater e ir embora, e eu era tido como chato porque eu segurava: fez

concurso para cá, fica aqui. Arrumei muito conflito com isso, muita inimizade, desgaste, mas foi o preço que eu paguei e eu acredito nisso. Em qualquer outro órgão público você faz concurso e se alguém passou por aí, em qualquer órgão público que você faz concurso, você tem que cumprir o período comprobatório para depois entrar com solicitação de remoção. Aí o que acontece, o professor dá aula em Bambuí, mas aonde você mora? Ah, eu moro em Belo Horizonte, moro em Arcos, moro em Formiga, moro em Piui, então você não... Até para você formar grupos hoje em dia para poder participar de comissão a, b, e c é difícil. Então essas coisas iniciais, porque com a criação do Instituto foi possível esse trânsito entre campus, isso para mim foi um caos, e essa falta de capacidade das equipes gestoras iniciais, principalmente na Reitoria... Passavam no concurso, ótimo. E agora você vai fazer o quê? Então se você, dono de uma empresa, se contrata alguém, a primeira coisa que você vai fazer é dar uma capacitação para ela para assumir um cargo, mas a coisa pública não é assim, você chega... Você é professor, né, Pablo? Você chega e já te enfiar na sala na hora e dessa forma... Douglas dá aula de quê, Douglas? História, né? Então se vai dar aula de História já te coloca na sala de aula, quer nem saber onde estava... Então faltou esse link, essa capacitação das pessoas para assumir as posições administrativas, tá? Então os reitores e pró-reitores nenhum tinha experiência, mas a gente tinha muito boa vontade para trabalhar, mas para executar a centralização foi extremamente complicado e começamos a brigar pela descentralização, eu e o Kléber na época, a bem da verdade, os que mais brigavam e que mais expunham os pontos de vista, eram os campus antigos, os outros só meio que acompanhavam a Reitoria, eles eram diretores nomeados, pro tempore, então eles evitavam os embates, então acabava que centralizavam as discussões mais com o pessoal de Bambuí e São João com o reitor. Melhorou, Denis?

Denis: Não, tranquilo! Perfeito, é isso mesmo.

Douglas: Denis, pode seguir fazendo favor.

Denis: Durante esse momento aí de constituição do IFMG, ainda continuando nisso, né, a Escola Agrotécnica aí de Bambuí, ela tinha se tornado, em 2002, CEFET, 2008 ela se torna IFMG, eu queria saber, assim, do ponto de vista local, como que essa notícia de

criação do IFMG, de adesão ao IFMG, como que isso chegou lá no local e como que foi percebido e discutido?

Flávio: Olha, a discussão ela teve, teoricamente. Tanto o CEFET/BambuÍ, quanto Ouro Preto ou São João Evangelista teve reuniões com a comunidade, é mais um pró-forma na verdade, porque o governo te põe a “faca no pescoço”, ou você entra ou sai fora. O Flávio do CEFET/Minas: “ô Flávio, fica comigo nessa briga para a Universidade Federal Tecnológica? Eu aguento 3 anos de briga.” Eu falei para ele: olha Flávio, a gente não aguenta três meses. É diferente, o CEFET/Minas tinha “n” empresas que investiam em pesquisa lá dentro e até hoje fazem isso. Como é que você briga com o Ministério da Educação, cidadezinha pequena, São João Evangelista embaixo, Bambuí aqui... Não tem jeito. Então, basicamente a gente apresentou aquela proposta sabendo que a decisão nossa era de entrar. Foi bem aceito com todos? Não, porque eles vinham daquele princípio: “não, nós somos CEFET”. Talvez o impacto aqui tenha sido maior do que foi lá em São João, que era uma Escola Agrotécnica, que mudaria o status, proposta de ensino superior, e o CEFET meio que já tinha algo assim. Nós vamos perder a autarquia, essa capacidade de decisão que a gente tem de fazer o que a gente quer com o nosso orçamento para poder depender de outras pessoas, em Belo Horizonte, administrativamente? Então não foi bem aceita, não. E certas pessoas novas que viam que estavam meio como um desafio, o meu grupo de diretores que estavam comigo ali, que viam até a oportunidade de ir embora de Bambuí, que muitos não queriam ficar aqui, Neimar era um deles, Oiti queria em embora, o Robson, eles viam como oportunidade de ir embora... Alexandre que está lá em Formiga. Falo isso e falo com eles também, isso é fato. Eles são novos e pouco tempo de casa, e viram isso como oportunidade. “Opa, que tal trabalhar em Belo Horizonte, trabalhar na reitoria, né?” Esse era um desafio. Agora, as pessoas mais antigas, não, não viam com bons olhos e, como eu disse para vocês, por ser em Bambuí eu o primeiro diretor estrangeiro, sofri muito isso, até no jornal, rádio, o pessoal só falava mal, ninguém elogiava o processo, não, ninguém elogiou e sempre existiu muita crítica nesse aspecto como um todo. Mas eu lembro em uma reunião que nós tivemos com os professores, que o pessoal estava ali só para poder criar confusão, até um ex-diretor estava lá, que nós fomos adversários políticos. Ele falou: “Olha, gente, não tem como, o governo está propondo, ou você entra ou você está fora de tudo de bom que está vindo, vai ficar isolado, projeto do

governo é projeto do governo!” Tanto é que o nome primeiro nosso era, não era IF, era IFET, alguma coisa assim, e como parecia muito com CEFET, tiveram que mudar isso para não lembrar o governo FHC, porque tinha que cortar qualquer coisa. Então, não, Denis, não foi legal, foi muito difícil e acho que teve que vencer o primeiro mandato para eles verem que a coisa estava deslanchando. Quando eles viram aquele tanto de gente entrando, as construções vindo, indo para frente, bons professores, cursos deslanchando, a procura pelos cursos melhorando, eu acho que, sim, as pessoas começaram a ver, diminuiu esse aspecto de crítica que teve em vários Institutos, e isso virou história, né. Mas foi muito desgastante, extremamente desgastante, não sei como foi São João, mas aqui foi ruim, foi desagradável, principalmente por parte das pessoas que faziam oposição ao nosso trabalho, isso era questão política mesmo, marcar território de oposição para poder derrubar. Se fosse com a gente isso não ia acontecer, essa coisa toda, sabe? Desagradável, né! Mas é isso.

Douglas: Você comentou sobre essa questão, como a comunidade recebeu essa notícia do IF, e eu gostaria que você fizesse uma comparação de 2002, quando Bambuí de transforma em CEFET, e o final de 2008, quando se transforma em IFMG, qual que era a visão desses dois projetos, desses dois momentos, você fazer um balanço dessa comparação sobre o que foi se transformar em CEFET e o que foi se transformar em Instituto Federal?

Flávio: Olha, eu penso que para a cidade sair de Escola Agrotécnica para CEFET foi fantástico! CEFET foi um nome bem consolidado, já existia a referência do CEFET de Minas, CEFET/RIO, eram nomes muito consolidados, então você passou a fazer parte de um grupo já consolidado. Então quando você vem para 2008, a proposta é uma nova criação, é apagar a ideia de CEFET, fazer parte de um novo grupo, né. Como é que eu vi? Eu via, assim, com um pouco de pé atrás, falei: poxa vida, a gente estava com uma autarquia, como eu falei, com possibilidades que o Gleisson tinha me dado para criar estruturas, organogramas, a gente conseguiu criar diretorias, conseguiu verba para capacitação, conseguiu verba para a construção, estava indo bem, de repente vem esse negócio... Mas, na verdade, essa discussão vinha antes de 2007, nesse iníciozinho aí. A gente fica meio de pé atrás, mas como é que eu via: para a cidade o impacto para CEFET na época foi maior do que o início de IF, o CEFET já tinha história como

lembrei a pouco, já era conhecido, então ele já estava caminhando. Não aqui, como um todo, que eu falei para vocês que tinha ainda uma cabeça de Escola Agrotécnica, que a gente precisou dar um choque de gestão nisso, mas pela história do nome CEFET. Aí você vai para o IF, que ninguém sabe, que o próprio governo não sabia, explicar para a gente como seria isso, coloca isso, a gente participar de um novo projeto, de um casamento com um monte de gente que a gente não tinha convivência nenhuma, então eu vejo... Qual que foi o impacto na cidade? O CEFET foi o impacto mais positivo na época do que 2008. Se você me perguntar: olha, e quando você entrou na escola para o CEFET e quando você deixou a gestão? Sem dúvida o Instituto propiciou a transformação dessa cidade, dessa escola. As primeiras coisas que eu fiz, nós vamos, diretor de Escola Agrotécnica, ele tinha o hábito da salinha dele ser no meio dos alunos, criamos um prédio administrativo onde funcionava o diretor geral, os diretores... a gente deu uma cara melhor de instituição, maior, de vez em quando eu encontro com um e ele fala: “olha, você transformou aquilo lá”. Na nossa proposta, a gente realmente mudou, transformou de escola pequena para escola grande e transformamos em um projeto muito maior hoje. É muito mais interessante você conseguir isso com um grupo muito maior, e eu vejo isso. Voltando ao seu ponto fechado, CEFET deu mais impacto do que Instituto no início. No final da minha gestão, tanto é que se você for no prédio administrativo daqui, alguém conhece, vocês já vieram aqui? Aquelas fotos na parede do administrativo, aquilo lá foi a gente que fez, foi na minha gestão, tem fotos lá de 2007 quando nós recebemos o campus e tem um painel de fotos 2011 e tem painel de fotos 2015, então a estrutura mudou absurdo, né. A questão, a visibilidade da escola mudou muito, né. Então o status mudou, então isso foi muito importante, sim, depois do “parto natural de gêmeos cabeçudos”, alguma coisa assim, dolorosa. Desculpa viu, Livia? Esqueci.

Livia: [RISOS] Tudo bem, aliás eu não quis ter filho justamente para não ter que passar pelo parto, eu entendi a metáfora.

Flávio: Tá certo!

Denis: Tranquilo! Flávio, seguinte, quando você assume lá em 2007 a autarquia CEFET/BambuÍ, houve aí pelo menos nesse momento alguma proposta ou possibilidade dessa autarquia CEFET/BambuÍ se transformar em Universidade Federal Tecnológica? Sondou esse projeto?

Flávio: Nunca. Não houve isso. E o governo deixava bem claro que a proposta do, que a experiência com a Universidade Tecnológica não foi boa e que não tinha interesse em investir nisso, que é em Curitiba, salvo engano a única. O Flávio passou os dois mandatos dele tentando e não conseguiu, agora ele voltou é lá no CEFET/Minas, batalhando para isso de novo, mas o momento político, são outros gestores, não sei, mas na época o governo tinha deixado bem claro que não foi bom. Então isso nunca passou por aqui, como Universidade Federal Tecnológica, nunca, só esse telefonema do Flávio que te falei: “ô Flávio, fica comigo vamos lutar por isso”. O Flávio era, por ser CEFET/Minas, por estar na capital, CEFET/Minas tinha um nome muito grande, ex deputados que se formaram no CEFET/Minas, Jaime Martins, o Virgílio que era muito amigo, então essas pessoas tentavam ajudar o Flávio nisso, né. Mas fora isso, não, mas ele não teve sucesso, não teve, não, a proposta foi desses Institutos Federais.

Douglas: Flávio, você de certa forma já abordou isso antes, mas só para desafogar um pouco, em relação à comunidade, à cidade de Bambuí, como eles viram a transformação para o IF?

Flávio: Não viram bem, não viram com bons olhos, não, porque sabe o que acontece? Existia essa cidade pequena, você é de onde, Douglas?

Douglas: Eu estou trabalhando em São João.

Flávio: Cidade pequena tem muito assim, você está no clube: “ô Flávio, estou sabendo que você está acabando com isso, com aquilo”. A pessoa não tem coragem de ir na escola ver as melhorias, mas te pára na padaria, sabe? Essas coisas de conversinha, e é o cara da rádio que é amigo do ex-diretor, que é seu inimigo político, então houve uma

propaganda muito grande que a gente estava entregando a escola, acabando com a escola, que aquilo não era bom para a cidade, que a cidade iria perder muito com isso, foi muito mal-visto pela propaganda contrária, e por mais que a gente, algumas vezes eu tive algumas entrevistas em rádios muito boas, algumas pessoas permitiam que eu fizesse e também jornal, a propaganda contra não era ainda, não era das boas não, sabe? Mas, enfim, quem estava lá dentro via que as coisas estavam mudando, estavam se transformando e foram melhorando. Mas, não, inicialmente não, a cidade não viu isso com bons olhos, não viu. Mas isso se limita, quando a gente fala a “cidade” parece que são os 22 mil habitantes, e não é assim, é a parte da população politicamente ativa com o que lhe interessa, então esta não via com bons olhos e gostava de criticar, né: “isso não vai ser bom, esse pessoal novo que está aí não tem experiência, vai acabar com isso, levamos uma vida construindo uma escola, não sei o quê”. Para você ter uma ideia, teve uma vez na entrada da escola que a gente fez aquele desenho da entrada, Pablo, foi eu que fiz, o monumento a bandeira fui eu também que desenhei, então quando fizemos aquilo, tinha um mata burro ali na estrada e o pessoal achou ruim de tirar o mata burro. E eu falei: vocês estão com saudade do mata burro, vão lá na mecânica, ele está lá, vão lá e passa um monte de vezes... A gente só tirou porque não cumpriu o papel dele, não matou nenhum burro, então vamos fazer um mais interessante aqui... Então tudo que se fazia, aquele monumento à bandeira quando foi fazer... A gente precisa ter um pouco de estética também. “Ah, gastando dinheiro com isso.” Hoje é a parte mais fotografada da escola! Então, assim, é para encher o saco mesmo, mas, assim, as pessoas pegaram e ficaram por conta de criticar, estão por conta de criticar e desmanchar o que você está querendo construir... Se fosse uma continuidade do trabalho do CEFET, menos impacto, mas vem algo totalmente novo, com um monte de gente nova vindo toda hora... Diretor de CEFET, eles falavam que era diretor do CEFET de Ouro Preto e tal, e você tentar explicar isso, até memorizar esse negócio, muito complicado, foi complicado, viu, Douglas. Muito complicado, né. A propaganda negativa em cima, nossa, que não foi fácil, não.

Denis: Flávio, obrigado pelas respostas. Do ponto de vista, por exemplo, da gestão, você estava lá na administração, você consegue perceber algum aspecto, algum elemento da gestão que permaneceu desde a Escola Agrotécnica, passando aí para CEFET até IFMG, então do ponto de vista da gestão, algum aspecto que permaneceu aí

na administração? E você consegue apontar o que mudou completamente, o que foi alterado completamente em relação ao que era do ponto de vista da gestão?

Flávio: Olha, eu acho que a gestão antes, você, a escola agrotécnica e o CEFET, você tinha o diretor geral, o de ensino, que em outros lugares chamava algo assim, eles tinham todos os professores sobre a asa deles, então tudo passava por ali, todas as decisões passavam pela mão do diretor geral, então acho que eles tinham assim, essa vaidade, ou era cultural que tudo passasse pelo diretor geral e abaixo dele tinha o diretor de ensino, e o administrativo sempre ficava ali junto com o diretor geral e tal. Era extremamente centralizado, muito centralizado, então quando veio CEFET, continuou dessa mesma forma aqui. Quando eu entrei e criei esses organogramas foi um choque de gestão até na cidade, porque na cidade tinha essa cultura: “ah, me empresta o arado para a prefeitura, caminhonete para fazer mudança de servidor”. E eu cortei tudo. Isso aqui é público, mas não é para todo mundo, não. Então nós cortamos essas coisinhas de emprestar as coisas, ter equipamento de irrigação para amigo etc, e outra coisa, o pessoal vinha: “ô Flávio, estou querendo saber um assunto “X”, isso é tratado em tal diretoria, olha, veja bem, o que ele falar eu assino embaixo... Então uma coisa que eu introduzi na época foi a descentralização do poder, da tomada de decisão, às vezes estava em uma mesa a pessoa podia até discordar, mas na frente do outro, não, a gente elogia em público e chama atenção em particular. Então tinha essa questão comigo e isso me deu muito mais liberdade para poder pensar para onde a gente queria ir, porque se você centralizar é uma forma de, sei lá, é burrice, você não tem equipe, você tem pessoas que executam o que você quer. Então, o Neimar tinha uma proposta “X” e ele executava, o Oiti tinha, outro o diretor de ensino tinha, outro, então as pessoas vinham e discutiam. O que você quer fazer, o que você deseja fazer? Então eu cortei essa questão da comunidade de querer resolver tudo com o diretor geral, deixa ele resolver dentro das questões dele, então esse aspecto de descentralizar foi muito importante, e quando foi criado a Reitoria, Instituto, isso continuou, pelo menos em nosso campus, essa tomada de decisão, só que muitas vezes você tinha que reportar na Reitoria, então no início teve uma centralização de execução que isso dificultava muito o caminhar nosso. Mas reconquistada, com o tempo a gente voltou, assim, então, gerencialmente eu acho que tem algo parecido com o que a gente introduziu em 2007, essa questão de você poder discutir para onde vai o campus. É lógico que você tem que continuar propondo para a

reitoria, mas você tem liberdade de fazer seu orçamento, agora se é aceito ou não... Exemplo, vamos fazer o orçamento desse ano, igual você mandar a criança para o supermercado, você enche o carrinho, mas o diretor geral e de planejamento na hora que você chega na boca do caixa: “isso dá isso não dá”. Então a gente continuou assim, mas não sei hoje, porque eu não tenho ligação com a administração da instituição, mas a gente cortou essa liberdade. Hoje eu vejo que o dia está mais curto, mas dentro do que eles têm, acho que eles tem liberdade, sim, de planejarem o que querem, sim, mas o fato é que se a gestão hoje é como era na nossa época. Não sei te dizer, mas de quando eu comecei, até quando entreguei, a evolução que eu vejo é compartilhar o poder, se compartilha o poder, a tomada de decisão, e você fica mais, acho muito mais interessante, ao invés de você ter uma equipe, você tem um time de trabalho com você e todo mundo ganha por isso e era um pouco diferente. O Caio era mais centralizador como Reitor, o Kléber não sei dizer, mas o Caio era muito centralizador e tivemos muitos embates para descentralizar as coisas e conseguimos, até o final do mandato dele melhorou muito essa questão, progredimos desde administração, a escola... Você está à frente de uma gestão é um novo curso de graduação que você faz, e você só pensa se você vivenciar isso, não tem escola que te ensina isso não... Toda disciplina que a gente faz como diretor geral tem pelo menos um tópico que fala de gerenciamento de conflitos, né. Mas se tem ideia, tem o fator ser humano no meio que gera um problema né. Falando nisso, uma das grandes questões que eu acho, mas não sei qual a melhor forma, não tenho uma solução para isso, é essa questão de terem CD’S e FG’s diferenciadas, acho isso extremamente prejudicial para a saúde de um campus, porque quem escolhe, exclui, né. Aí vem sempre: por que a minha função é menor do que outra? Nós tivemos muito cuidado de montar nosso organograma porque, realmente, hierarquização de funções e CD... tivemos muito cuidado, muito mesmo. Mas ainda assim, tem gente que: “ah, eu mereço mais que...” Sabe? Aquele negócio assim que teria que ter uma forma de eliminar isso, sabe? Pra ficar melhor. Mas tirando isso, né, acho que hoje depende muito de quem está no comando, se é o perfil dele. Se você tiver um perfil centralizador, por mais que você queira, você acaba mais por colocar aquilo ali na mesa, né... Então é perfil de quem está à frente, muito perfil. Falo muito, né, Denis?

Denis: Não, tá ótimo!

Douglas: Não, quê isso, Flávio, está ótimo! Flávio, em um dado momento da sua fala você destacou a questão geográfica de Bambuí que não está no Triângulo Mineiro, não está bem no Sul, nem bem no centro, enfim, né, essa questão do encaixe. Então, assim, como três realidades geográficas muito diferentes, Bambuí como você destacou, Ouro Preto em uma região mais central e São João Evangelista mais ao leste, aqui na região tem um termo centro-nordeste mas que geograficamente não existe.

Flávio: Centro-centro, alguma coisa assim, também me falaram isso

Douglas: Enfim, como que três escolas, realidades não só institucionais mas também geográficas tão distintas, elas acabam se juntando para formar outra instituição?

Flávio: Completa falta de opção, você não tinha opção. Não foi porque era bonzinho um com outro, não, se pudesse tinha criado um instituto só nessa região aqui, se o Kléber pudesse tinha criado só na região dele, se Caio pudesse também... Mas, de repente, olha, vocês vão ter que juntar, porque do jeito que está, não pode. E olha, e por proximidade... O Kléber mesmo foi uma imposição para São João Evangelista ficasse com o Caio, foi uma imposição, apesar de já ter começado a conversa com a gente no Sul de Minas, o Gleisson ligou para ele e talvez já tinha conversado com ele e falado: “olha, a viabilidade do IFMG só é possível se vier mais um para cá”, no caso dele lá e o Kléber. Apesar da resistência, ele via que Pouso Alegre estava completamente longe, longe de mais, e então foi exatamente isso, falta de opção, nós não tínhamos opção. Sabe aquele negócio de você só tem essa opção, ou você entra ou você vai ser fritado quatro anos pelo governo? Eu sou novo administrativamente, há um ano e pouco eu era gestor do CEFET, estrangeiro, como já coloquei com vocês, eu vou brigar com o ministério da educação? Não tem condições um negócio desses não, aí veio nossa primeira briga, aqui era uma escola, era o técnico agrícola, tem a escola fazenda e quando eu tomei posse: “olha, Flávio, isso já acabou em 92, na lei de Diretrizes e Bases da Educação acabou, e até hoje tem sistema escola fazenda trabalhando no final de semana, você tem que acabar com isso, é pra acabar, isso tem que acabar”. E essa foi nossa primeira grande luta, e foi isso, falta de opção, não tinha opção. Por mais que a gente fale, Minas Gerais é um monstro, muito grande, veja bem, eu vejo os reitores,

tanto Caio antes, como Kleber hoje, para você estar por dentro de todos os *campi* é muito desagradável, é muito difícil, é muito longe geograficamente um do outro. Eu falei, tá na época de vocês comprarem um helicóptero, o pessoal riu e eu falei, é um fato, ou compra ou aluga. Você está em Bambuí, vai para Belo Horizonte, vai para Ouro Preto, lá do Sul de Minas, quem que é o mais longe? Bom, você tem que rodar muito de carro, é até perigoso, né. E cada vez que for fazer uma reunião da reitoria itinerante, meu Deus, é muito! E cá entre nós, não sei se vocês já participaram, não rende meu amigo, o governo teve uma época que quando eu participei das reuniões do CEFET e as reuniões eram sugeridas para serem todas em Brasília, Brasília já foi construída para isso, para ser fácil, tem rede hoteleira, restaurante, tem tudo, mas aí os diretores, né, queriam impressionar, eles querem vender a imagem do Estado deles, fazer aquela festa, aquele evento de diretores do CEFET... Então, quando começou o Instituto Federal, que tinha a maioria das reuniões no primeiro ano lá, era tudo em Brasília, depois eles começaram a fazer, rodar o Brasil inteiro, o custo disso era altíssimo e o governo não queria. Mas é isso.

Denis: Você falando aí dessa junção de escolas que tinham realidades geográficas muito diferentes, queria assim saber se você consegue apontar para a gente como foi, do seu ponto de vista, juntar também escolas completamente diferentes que tinham autonomia antes, como que foi tão esse processo mesmo de, no caso, as maiores dificuldades desse processo de juntar essas três escolas, assim, com realidades geográficas e que já tinham autonomia e aí passam agora a integrar o IFMG, quais as principais dificuldades desse processo assim?

Flávio: Tirando essa geográfica aí, igual eu falei, hoje está em Belo Horizonte, mas antes a gente tinha que se deslocar para Ouro Preto, mais distante ainda. Isso aí era um embate de briga por poder mesmo, viu! Um monte de gente que vem, as pessoas tinham cargo na escola, o CEFET, a Escola Agrotécnica... Foi no CEFET Ouro Preto, as pessoas tinham cargo lá, alguém vai perder alguma coisa, quem que vai ceder o quê? Olha, a estrutura de vocês está com tantos CD's, você vai ceder o quê? Ninguém queria perder no início, então era... Nunca foi, desde o início, uma relação saudável, não. Sabe? Se tornou com o tempo, sim, mas no início não, não foi nada saudável, não. A sensação era de perda: a gente está aqui loteando, o que foi construído há muito tempo, estão

loteando e não sabemos para onde nós queremos ir. O que não foi proposto: olha, vocês estão cedendo isso, vão perder autarquia, mas vão ganhar isso e isso, simplesmente foi falado, vocês estão entrando em um momento ímpar. Ótimo, vamos ver se isso vai se concretizar. Concretizou, mas poderia não ter concretizado. Mas no início era mais isso mesmo, atritos, e o atrito começou com a gente porque a gente... inicialmente eu tive um embate com Ouro Preto porque Ouro Preto estava meio que querendo capitanear essa criação do Instituto, né, pelas expertises que eles falavam que tinham, mas ao mesmo tempo a gente tinha essa chance de capitanear isso, afinal de contas todos nós éramos da mesma época, e fora dessa briga que estava nessa nossa região aqui entre CEFET Bambuí, Ouro Preto, que a gente teve esse atrito, ficava ali, meio que, tipo assim, a gente tem que entrar, como é que fica fora disso? A chance que tinha de ajudar o status de Escola Agrotécnica, no sentido de melhorar realmente para a região e crescer, mas, ao mesmo tempo, o que acontece é a questão de sair da zona de conforto. Meu amigo, você está aí em uma Escola Agrotécnica que você sabe a vida inteira como que funciona, que tinha uma diretoria, de repente você percebe que pode não ter mais nada daquilo... A gente tomou posse como CEFET, criamos uma estrutura, um organograma bacana, de repente você pode perder, não ter nada daquilo e vinha ameaça de que o governo que ia pegar todas CD's, FGs, colocar tudo em um caldeirão, sabe? Tinha muito terrorismo por parte do Ministério, eles queriam criar e, ao mesmo tempo, se não fizer isso perde isso e tal, então não foi fácil, não. Foi essa tentativa no início, era tentar participar de um programa, de um projeto do governo em que você perdesse menos: já que você tinha que participar, vamos perder menos, já está perdendo autarquia, vamos perder estrutura de campus... Meu Deus, o que vai virar a gente? Então foi complicado, né. Mas era uma relação muito desgastante, aí como foi gente de Bambuí morar em Ouro Preto, gente de São João morar em Ouro Preto para participar da primeira estrutura organizacional lá, como pró-reitores, como diretores, começou a melhorar a convivência, né. Todo dia saindo, acabou que tomou uma cervejinha, bate papo, conversa, vê que o bicho não é tão feio assim, que dá para conviver com as pessoas, e foi melhorando, melhorando, o que foi ruim foi tirando, foi saindo, foi criando e aí vai... O desgaste foi muito grande, desgaste físico, né. Mas no início foi isso mesmo, a disputa pelo poder, já perdemos então... Chegamos na reunião em Ouro Preto, chegamos pela porta do fundo, né, e chegou o Kléber pela porta do fundo também. "Olha, o trem tá andando, vocês não querem ir na reunião, problema de vocês!" Não tinha jeito, a partir do momento da criação, se aderiu ao plano, a assinatura não é sua

mais não, você não pode fazer mais nada, não. Vou ser mais um na equipe, aí você tem que mostrar que você é importante para a equipe. Não é porque eu quero estar na equipe, não, eu estou na equipe porque a equipe precisa de mim, você tem que convencer disso, né?

Douglas: Flávio, você falou uma questão interessante, porque acabou que isso também foi presente aqui em São João que era esse modelo de “escola fazenda”, que acabou tendo sido substituído, trocado, enfim, então o que era próprio de Bambuí, o que era específico de Bambuí que com a criação do IFMG acabou tendo que ser substituído. E o que continuou, o que é próprio de Bambuí que permanece até hoje mesmo já sendo o IF e não mais sendo CEFET ou uma Escola Agrotécnica?

Flávio: Eu não sei se eu entendi bem a sua pergunta porque “o que era de Bambuí” você inicialmente falou em relação a cursos né?

Douglas: Não, no sentido mais tradicional Tipo assim, o jeito do campus, talvez tradições que foram quebradas e quais que continuam.

Flávio: Olha, eu vejo o campus totalmente outro, totalmente outro, existia algo antes de, mas isso foi, mas aí não coloco isso no Instituto, não, aí eu vou colocar no início da minha gestão. Existia uma escola de um tipo antes de 2007, que tinha aquela estrutura parecida com São João Evangelista, tá. É aquilo, escola agrícola é produção, é vender e parará parará parará, e depois daquilo, então, se você me perguntar o que as escolas tinham que hoje os campus não tem, nós tínhamos o assessor jurídico, acho que São João também tinha, né, que era um advogado geral da união que nos ajudava a tomar decisões; nós tínhamos, que eu não cheguei a usar, mas a escola antes tinha uma fundação, né; tinha uma cooperativa de alunos que não existe também mais. Então isso tinha até no final, até quando a gente começou o Instituto tinha, depois deixou de ter, né, porque não era interessante administrativamente, né, não precisava a gente ter uma fundação, uma fundação para o Instituto resolveria, outros advogados em Belo Horizonte resolveriam essas questões que na realidade são as questões jurídicas do

diretor máximo que no caso é o reitor. Então a gente quando queria alguma coisa mandava pro reitor e ele repassava para eles. A questão da fundação, a gente custou, mas a gente fechou ela. E a questão que acho que São João tinha também era a cooperativa de alunos que ela geria parte do que era produzido na escola. Hoje cai tudo em uma única fonte, né, 212, cai em uma única fonte e era com recursos próprios que soma com os outros e vai no orçamento final. Então o que que era próprio de Escola Agrotécnica era isso, tinha fundação, tinha a possibilidade de gerenciamento próprio, tinha a cooperativa de alunos, mas a perda disso não foi negativa, não, viu, acho que isso foi positivo, tá. E a estrutura administrativa ela meio que segue da época que a gente estava lá.

Denis: Ô Flávio...

Flávio: Desculpa, mas é isso que você queria, Douglas?

Douglas: Não, sim, sim, isso mesmo, essas questões estruturais de permanência ou ruptura, é isso mesmo.

Denis: Flávio, voltando para essas questões geográficas aí, por exemplo, a Reitoria lotada aí em Belo Horizonte, sabe me dizer por que e como que surgiu essa oportunidade da Reitoria?

Flávio: Você fala dela ser em Belo Horizonte?

Denis: É.

Flávio: Porque a proposta do, porque foi o seguinte o CEFET do Sudeste de Minas Gerais, de Rio Pomba, ele estava propondo uma sede em Juiz de Fora, correto? Cidade maior na região. Uberaba e Uberlândia, era para ter sido em Uberlândia, mas aí deu uma briga que acabou sendo em Uberaba mesmo, por causa de política. Ouro Preto como era

o CEFET mais próximo... O Instituto inicialmente, o CEFET que iria comandar o Instituto, o IFMG, seria o CEFET/Minas, eles tentaram, chamaram eles para a conversa lá para que eles capitaneassem isso, e o Flávio falou que não queria, que queria a Universidade Federal Tecnológica, então ele saiu fora do programa, e o que estava mais próximo de Belo Horizonte... Quando teve a apresentação dos projetos que eu fui apresentado, que o nosso, do Sul de Minas eu estava lá no lançamento, né... Então fui lá, projetando, né, no centro de convenções lá no Ministério da Educação, então projetou lá Instituto Federal, e você tinha que colocar um nome, né, aí o Caio colocou lá Ouro Preto com mais um campus que era do lado lá, aí tinha o Sul de Minas que era o nosso, que a gente, inclusive o nosso tinha outro nome, né, e o Caio já propôs com a sede em Belo Horizonte. E aí o nosso no Sul de Minas tinha até o nome “Instituto Federal de Minas Gerais”, alguma coisa assim, aí o pessoal de Brasília falou assim: “olha o Instituto que fica localizado na capital é que tem direito de levar Minas Gerais, o nome de Minas Gerais, só IFMG”. Então teve que mudar o de Sul de Minas, outros já tinham mudado. Então a proposta de ser em Belo Horizonte foi por parte do Caio que estava ali próximo a uns 90 quilômetros e aí foi a dele. Como a gente estava no Sul de Minas, a gente apresentou proposta lá. Porque tinha que ter uma outra contrapartida da cidade que queria ser sede, então o pessoal da região do Sul de Minas, eles procuraram lá Pouso Alegre e ofereceram um espaço que depois foi construída a reitoria. O de Rio Pomba, Juiz de Fora que já tinha uma estrutura e lá de Januária, Montes Claros que é uma cidade maior na região; o Triângulo Mineiro era pra ser Uberlândia, mas puxou pra um lado. E assim foi feito, a escolha por ser Belo Horizonte é porque era o Instituto central e a Reitoria tinha que ser em Belo Horizonte, eles queriam, o Ministério da Educação queria um campus lotado na capital. Foi isso. Agora, o local de Belo Horizonte foi a oportunidade de comprar o prédio, o espaço e etc.

Douglas: Ótimo! Flávio, você né enquanto diretor geral de Bambuí na época em que foi fundado no IFMG, eu queria que você me falasse um pouquinho como que você percebeu a questão da disponibilidade de recursos, né, você como gestor, se houve mais disponibilidade, se houve menos se a questão da fundação do IFMG mudou um pouco essa realidade.

Flávio: Mudou muito, mudou muito! O governo queria investir no projeto Instituto, então se você tivesse projeto, você tinha condição de captar recursos e construir. Mudou, sim. Aqui, nós conseguimos captar muitos recursos, fizemos muitas obras, não só para obras, mas para a capacitação de servidores. Foi um momento muito positivo, sim. Teve uma época em que a gente gastou não só dinheiro nosso, mas também de outros campus porque não dava tempo de gastar, chegava no final do ano para não ter que voltar... Eu lembro de uma reunião que o pessoal falou: “ah, Caio tô devolvendo dinheiro”. “Vocês não deram conta de gastar”. Eu falei assim: “voltando não, se não tiver projeto, nós temos projeto, aí então vocês vão levar o projeto para o dinheiro não voltar pro governo, executam depois vocês pagam, né.” Então realmente não podemos reclamar do que a gente conquistou, não, melhorou, sim, o investimento foi muito grande, foi muito bom, né. Lógico que teve uma época que um engenheiro civil do Ministério da Educação que é um dos mais antigos lá, acredito que já deve ter aposentado, ele falou: “eu vou lá ver o que é isso porque vocês tão construindo muito!” Ele veio, foi até Belo Horizonte, encontrou com o Caio, eles vieram até aqui e foi muito bom, ele veio comprovar *in loco* o que a gente tava fazendo. A gente, nós conseguimos fazer um bom uso do dinheiro e responsável também, graças a Deus, graças à equipe muito boa. Melhorou, sim, acho que todos cresceram, né, gente, não sei se vocês tiveram oportunidade de ver fotos antigos de onde vocês trabalham hoje, acho que todos cresceram, os que tiveram no período de expansão e pré-expansão tiveram um momento muito lindo entre 2007, 2008, 2015, 2016, né! Depois foi diminuindo essa questão aí, né, mas o orçamento do Ministério da Educação e, concomitante a isso, nós também mudamos de carreira, né. Os professores antes eram professores de primeiro e segundo grau, então já passou a ser professor de EBTT, a carreira melhorou, nós tivemos ganhos reais de salários. Acho que foi um momento que coincidiu tudo, aí, né, a política de expansão, a política de carreira e etc, foi um momento positivo, sim. Apesar do estresse todo, que não era simplesmente fez um projeto, toma, manda e vem o dinheiro, tem todo um processo, todo um caminho... E nós cuidamos da criação, passava por Bambuí a criação do Campus de Formiga, passou por nós aqui todo o projeto inicial, a criação de lá passou pela gente aqui. Então houve um momento muito interessante, financeiro, sim. Não tinha... a gente conseguia viagens para capacitação, congressos, houve, sim, hoje eu sei que está mais curto isso, né, mas é a política de governo.

Denis: Flávio, como diretor geral, na sua gestão de 2008 a 2015, qual assim teria sido a sua decisão mais difícil que você tomou e que você avalia, assim, avaliando a conjuntura, você pensa, assim, olha foi a decisão mais difícil, porém a mais acertada da qual eu me orgulho de ter tomado?

Flávio: Eu não sei te dizer, eu não sei, acho que é o conjunto da obra. Não sei, realmente eu não sei, me pegou, se me perguntar o que eu me orgulho na minha vida, eu tenho dois filhos bacanas, agora foi o fato de ter sido candidato a diretor e ter visto que poderia se transformar na escola que é hoje foi muito importante para mim. Então, decisões difíceis que eu tomei e me orgulho eu não sei, criação de cursos, criação de mestrados, foi uma costura muito boa também trazer o mestrado pra cá, né, as engenharias foram alguns embates, laboratórios, capacitação de professores... Acho que aí que está uma coisa que dá pra destacar, que a gente quando pegou parte do orçamento nosso, um orçamento bastante grande, fizemos um convênio com Viçosa para fazer o Minter e o Dinter [Mestrado e Doutorado Interinstitucional] aqui, uma coisa desgastante no início que muita gente não queria e que deu um problema grande na escola porque as aulas eram aqui na escola durante horário letivo, correndo junto, tal, tal. Deu um transtorno danado, mas o resultado foi muito bacana, cheio de mestres e doutores, acho que isso foi muito interessante para o lugar, para a cidade, né. Que a gente sai de uma... se você pegar os professores das Escolas Agrotécnicas anteriormente e mesmo CEFET, você tinha mais eram professores que faziam licenciatura, né, uma pós graduação mantinha uma carreira e ia ficando ali. E eu faço parte de um grupo que as Escolas Agrotécnicas tinham que ter 8 mestres e não sei quantos doutores para entrar de efetivação, eu entrei nessa necessidade que eles tinham aí. Então, acho que a capacitação foi uma coisa extremamente importante, né, e criar ambientes de trabalho onde todo professor tem sua sala, tem conforto, tem computador, nós fizemos um núcleo de informática aqui fantástico na época, era modelo para todos os institutos. Ah, me orgulho, tá, dos concursos sérios, viu, acho que tornar sério os concursos foi uma coisa que a gente fez que foi muito bacana, sabe? Você pode estar achando estranho essa minha colocação, mas, assim, a transparência no concurso é você falar assim: “olha, Denis, você vai fazer um concurso aqui, se você for o melhor você vai passar. Viu, Douglas, viu, Pablo, viu, Livia, se vocês fizerem... Serão os melhores, nós queremos que entrem os melhores, não vai ter parente de ninguém indo na banca como

acontecia antes, não vai ter porque fulano participa de um grupo de irmandade X que vai ter facilidade no concurso.” Acho que foi a minha equipe que comprou essa ideia, sabe? Na minha equipe de gestão eu coloquei muito isso, eu quero seriedade nos concursos, eu quero que as pessoas saibam que as coisas mudaram, vai entrar por competência, né, então isso é algo que eu me orgulho de ter colocado isso que foi uma mudança de paradigma na forma de gestão, que isso não tinha, que ser exceção tinha que ser regra para tudo quanto é canto. Mas se vocês forem em tudo quanto é canto vocês, vão achar gente que entrou facilitado aqui ou ali, universidade ou em muitos lugares, mas nós começamos com essa seriedade. Entrava gente seria antes? Entrava, eu entrei. Mas entrava gente facilitada também? Entrava, mas na nossa gestão acabou isso, então é algo que eu me orgulho sim. Seriedade no processo, acho que se você estudou, você tem direito de entrar pela porta de frente de qualquer lugar desde que você conquiste aquele direito. É por aí. Quando meus filhos falam que as pessoas reconhecem e falam bem de mim eu fico satisfeito também, né, porque a gente vive um pouco dessa vaidade aí, né, de ter feito um bom trabalho apesar de “n” críticas, mas apesar que quem critica muitas vezes está querendo o seu lugar. O fato é isso.

Douglas: Como que daí, né, de Bambuí... porque quando a gente pega principalmente o IFMG foi um instituto que houve um crescimento, principalmente em números de *campi*, muito grande, né, de um início aí de três grandes escolas e cinco *campi* aí iniciais porque pegou Formiga, pegou Congonhas, né, que foram os primeiros dentro desse processo.

Flávio: Formiga não era campus ainda não.

Douglas: É mas, como vocês viam essas expansões, essas criações de *campi*, todas essas oportunidades para essa expansão, como vocês viam esse processo daí de Bambuí?

Flávio: Olha como eu falei a um tempo atrás na nossa entrevista aqui, quando você, se tivesse seguido todo o edital inicial, era uma coisa que toda prefeitura tinha o direito, né,

se atendesse os pré-requisitos, você tinha o primeiro edital dos campus, dos novos campus. Eles tinham que ofertar para o Instituto Federal uma área de dez mil metros quadrados, né, um hectare e construir mil e duzentos metros quadrados, né, isso era uma das questões lá. E a prefeitura tinha que estar envolvida porque inicialmente quem ia bancar essa construção era tudo eles, né, eles iam bancar a construção tudo por conta deles, de segurança e tal, e também a questão dos 80 quilômetros de distância, então tinha uma ideia interessante, sabe, então se tivesse seguindo isso do início, ao fim seria muito interessante. Chegou a um ponto já no final da segunda gestão minha, onde teve aquelas que eu falei de subdivisões de campus e etc, e a gente viu que muitas decisões eram políticas, elas não estavam atendendo nenhum mais pré-requisito, absolutamente, então a gente já não viu com bons olhos porque você está inchando o sistema, chega um ponto... E isso, o pessoal está sentindo hoje que cresceu demais. Quando você cria um campus, você cria CDs, cria FGs, você cria uma estrutura organizacional para tocar aquilo ali que o governo... Chega um ponto que não aguenta, e qual que é o retorno que a sociedade está tendo com isso? Veja bem, vou falar pelo interior aqui onde nós estamos aqui, queira ou não Arcos concorre com Bambuí e vice e versa, concorre com Formiga, então acaba que isso é negativo para a escola. E você uma coisa é o seguinte, nós tínhamos, nós ainda não somos referência nos cursos que a gente oferece, a gente tem que ter essa realidade. Então, um exemplo nosso aqui, uma pessoa que quer fazer agronomia, nossos professores, os que eu leciono, nossos professores têm mestrados, doutorados, e todos vieram de Lavras ou de Viçosa, todos têm uma escola muito boa sabe, UFMG, sabe, todos têm uma formação muito boa. Mas a gente não é procurado pelos professores, a gente é procurado pela história que o curso tem, correto? Então, o curso é novo, não tem uma história, aí então o que acontecesse, as pessoas que vêm procurar os nossos cursos já tentou Viçosa, já tentou Lavras, estou dando essa referência desses aqui. Então você começou a ter concorrências internas na nossa escola, tem curso técnicos em mecânica, abriu engenharia mecânica em Arcos, e era para ser engenharia mecânica que tava no nosso plano de expansão. E Arcos... não era engenharia mecânica automotiva, era mecânica industrial para poder atender outra coisa lá, mas politicamente conseguiram convencer o novo diretor na época a mudar. Então, quer dizer, criou um curso lá onde aqui já tinha pronto 70% dos laboratórios, já tinha pronto e criou lá o que não tem nada, e será que vai ter um dia? Vai chegar um ponto que o governo vai pensar assim: para funcionar o que a gente precisa de fazer, será que eu tenho que fazer uma fusão de alguma coisa ou não? Então perdeu o controle, perdeu o controle, o que

inicialmente era interessante perdeu o controle com o tempo. Querer agradar não dá certo, sabe. Hoje nós temos, se você considerar, vamos arredondar para 150 professores, que a proposta inicial do governo era de 1 para 20, nós teríamos que ter 3 mil alunos, correto? Estabilizar em 3 mil alunos, então hoje nós estamos em torno de 1700 e nós vamos atingir esse 3 mil quando? Porque os cursos não estão tendo essa procura com esse monte de polos que criou por aí, as pessoas deixam de ter aqui como opção, aí eu queria o curso de Bambuí, mas a família é pobre então tenho que fazer esse aqui perto de casa sai mais barato para mim. A interiorização do conhecimento das escolas foi muito importante, né, muito bom, ela propicia que as pessoas pobres tenham mais acesso, ótimo. Mas vamos seguir regras, a palavra mais correta significa “esculhambou”, e sem demérito para nenhum campus novo criado, né, gente. Então você me fez uma pergunta, ela foi bom até determinado ponto depois não. Acho que era momento de consolidação, houve uma expansão, foi criado, agora temos que consolidar os campus, vamos fortalecer ver o que a gente precisa melhorar, mas aí fica essa como eu citei, tem campus que não tem estrutura para oferecer nem o técnico direito e já parte para a engenharia, um bacharelado e tal, e aí fica aquela mendicância de pedir, fica, ah vou em tal lugar e pedir, sabe? Você criar essa estrutura e criar só para atender o que você acha que a comunidade quer, muitas vezes você está criando um problema para o governo resolver, você cria um problema e quer que o governo resolva. “Aprovamos um curso tal”! Gente eu já participei de conselhos...

Denis: A gente está te ouvindo ainda mas está um pouco chiado, parece que é conexão, né? A conexão está tranquila aí, Douglas?

Douglas: Aqui tá tranquilo.

Flávio: A minha rede aqui tá com a torre boa, tá normal.

Douglas: Normalizou Flávio, desculpa aí o incômodo, você estava na conclusão da questão aí, né, você falava sem desmerecer os novos campus, enfim, né, mas que às

vezes você desestrutura um lugar, cria um curso em outro e aí, enfim, você estava nessa conclusão aí.

Flávio: É, e isso aí considerando o momento do Brasil, financeiro, né, e o foco do governo hoje não é ensino. Eu fico me perguntando quando é que as escolas vão ter estruturas para oferecer um curso A, B ou C. A escola mesmo criou um curso de veterinária a um tempo atrás, aí quanto tempo leva para você ter a estrutura de um curso de veterinária? Na minha época, eles cobraram. Olha, se você foca em um curso desse que é caro, um hospital veterinário é caríssimo, você foca em algo assim, você deixa de dar assistência aos outros cursos que também não estão consolidados ainda, é uma decisão política, né, que agrada um lado e desagrada o outro, mas é uma decisão que consome o orçamento. Então, você cria uma engenharia aqui em Arcos e não tem laboratório, quando vai ter, quem vai dar essas aulas? Aí vem pra Bambuí, vai para Formiga, vai para mais a onde? E é aquela questão dos alunos que saem formados, as primeiras turmas são realmente sofridas, né, não contam com a estrutura toda. Mas é cultural, viu gente, é cultural, há muitos anos, há décadas que o importante é você criar o problema para o governo resolver... E eu não acho que as coisas estão assim, mas a pergunta é: o governo está disposto a resolver o problema que você ajudou a criar? Talvez neste momento, não. Vai tirar de onde o dinheiro, né, vai tirar de onde? Você criou um problema. Mas, “aqui não são propostas, nesse campus sei que não foi criado para ser agrícola ou técnico disso ou daquilo”. Então por que você criou bacharelado, por que você criou mestrado? “Ah, foi aprovado pelo conselho.” E daí? Como eu disse para você, a coisa mais fácil é aprovar qualquer curso no conselho, não é difícil se você tiver uma coerência de proposta, conversar com o pessoal, isso não é problema, né, isso não é problema, e existe um... me ajuda a lembrar o nome aí, algo que faz a cada quatro ou cinco anos como que chama?

Douglas: PDI.

Flávio: Isso PDI! Pois é, cada vez que vem um diretor novo ou um reitor novo, enterra o PDI antigo, e o PDI é um compromisso que o Instituto tem com o Ministério da Educação: “olha daqui cinco anos nós vamos expandir aqui o que foi discutido, foi

construído esse documento, você foi lá, apresentou, foi tudo aprovado.” Você discute no campus com seus pares e seus professores, estrutura o documento, faz uma coisa muito bacana, depois você vai na reitoria, propõe a criação daquilo, apresenta o PDI, faz aquela costura, aquele Frankenstein todo, tira daqui, coloca ali, cria um boneco bacana, leva em Brasília, apresenta aquilo, firma um compromisso com o ministro, assina aquilo daqui e dois meses joga aquilo no lixo e vamos fazer um novo PDI. Então que Brasil é esse? Falta aquele respeito com a política anterior, o que foi feito de bom, o que que foi proposto, vamos modificar em função de que, se foi aprovado isso, o que tem que sair para isso entrar, né? Então, falta esse seguir o que é proposto. “Ah, mas eu discordo do que o Flávio pensava!” Beleza, mas tem que esperar os cinco anos, porque isso foi aprovado em um novo PDI que proponha coisas novas, que deixem de criar aquilo etc. Então isso é o que volto a dizer e já falei outras vezes, vaidade. Você quer ser diretor de um campus que dá só curso técnico, é porque o Instituto foi criado o seguinte, me ajudem a lembrar as proporções, eu teria que oferecer, vamos lá X por cento de bacharelado, X por cento de técnicos, Y de técnicos e Z de subsequente, correto? Aí tinha campus que só queria ofertar curso superior. Uai, mas e a sua parte, a sua parcela de técnico, né, desmerece a coisa. Assim como na época dos concursos nossos aqui, os professores, eu fazia questão de os concursos quando eram feitos por nós, pelo campus de que colocasse a lei de criação de Instituto [inaudível].

Denis: Ela parou de novo?

Livia: É.

Douglas: Agora travou tudo, né, travou a imagem total.

Denis: Mas com o tempo vai voltar aí.

Douglas: Travou quando você dizia que quando vocês faziam os concursos aí, você exigia a questão da lei de criação dos Institutos Federais, que fossem cobradas questões nesse sentido.

Flávio: Isso, porque é importante o professor saber onde ele está entrando, né. Porque a gente tem colegas de trabalho que são, assim, estudantes profissionais, fizeram graduação, mestrado, doutorado e até pós-doutorado, aí chega achando que vai ter aquela estrutura que ele viu na universidade A, B ou C, e nós estamos nascendo, nós não temos condições de ofertar aquela estrutura de laboratórios que ele queria e etc, e isso é o que gera muita frustração em professores nossos, e aí eles querem que a gente... Tem que projetar e trabalhar, porque se a gente ficar trabalhando só com o técnico, a gente não vai crescer, a gente tem que fazer curso de graduação, e isso gera um caos. Então, olha, se você passou em um concurso para uma escola que não foi feita para ter bacharelado... Aqui é técnico, mas as pessoas, o próprio prefeito pressiona, o prefeito sai dali e vai pressionar o reitor: “olha, eu te apoiei, te ajudei naquilo lá, fiz doação, tirei do município para criar aquele prédio e etc. Não, nós precisamos de uma engenharia e parará...” Então falta esse posicionamento mais sério de seguir propostas, né. Isso é um sofrimento, você pega o Kléber, aí essa época tava na expansão, aí não sei se o Kléber chegou a pegar um pouco disso... Você pega os prefeitos do Estado inteiro querendo conversar com você para criar um campus. Muitas vezes as pessoas sabem o que acontece, eu cheguei a visitar algumas vezes umas cidades que faziam doação, as pessoas, os prefeitos queriam doar um prédio antigo, público, que era um problema para eles, para ver se transformava em uma solução. [risos] Esse era um problema, tínhamos até vontade de rir na cara deles. Mas, enfim, o fato era esse, então, na criação, o que faltou do que era proposto ao que tá hoje virou problema muito por vaidade mesmo, vaidade de diretores de campus, vaidade de de equipe, de prefeito, né, por aí...

Denis: Ô Flávio. Ah, desculpa pode continuar...

Flávio: Não, não era nada.

Denis: Sim, o campus de Bambuí teve uma estruturação, ne, significativa em relação ao que era, e ao longo da sua gestão com construção aí de laboratório, né, prédios, e aí eu queria ver com você como que surgiu essa estruturação, como ela era trabalhada e como era percebida, assim, por você na sua gestão.

Flávio: Bom, quando a gente assumiu, de acordo com o orçamento que a gente tinha disponível, a gente falou o que a escola está precisando hoje, então era mais ou menos isso aí, por aí. Então o que a gente fez, os nossos prédios são simples, mas funcional, né, mas a gente deixou de construir o que a gente falava lá de “banheiródromo”, que era muito grande, vamos para construir sala de aula para Agronomia... Então, a gente foi, assim, a gente precisa estruturar cursos que, curso que está existindo hoje, o que a gente precisa construir, eu fazia isso muito discutindo, sentava na minha sala lá com os diretores no entorno, tanto para construção, tanto para professores, era assim a gente levantava, fazia um ranking de áreas que estavam precisando de investimento e ia lutando, correndo atrás. A gente tinha o orçamento já do CEFET na época e o orçamento próprio, e ia trabalhando em cima disso, e quando veio a possibilidade do Instituto Federal, aí não, aí a gente tinha que entrar com proposta, além do que a gente tinha de orçamento, e conseguir outros investimentos maiores, né. Fugiu do orçamento proposto por nós, a gente foi procurar outras coisas e fomos investindo, mas isso é muito assim: para onde a gente tá indo, o que a gente está propondo? Quando a gente começou a criar o... participou do início do Instituto Federal [inaudível]: para onde a gente está querendo ir, o que que a gente está propondo, o que a gente precisa para ter? Essa estrutura, que curso que a gente está querendo, né? E conversando com um, conversando com outro, visitando escolas, a gente foi buscando essa estrutura de apoio né, por aí... Mas é discutindo mesmo, eu tinha equipe administrativa muito boa e muito dinâmica, sabe? Então o pessoal era muito, o meu vice-diretor era muito esperto, inteligente, o Marco, que era da equipe. Então a gente tava sempre projetando sala de aula aqui, vamos cortar ali, a escola não tinha um salão de convenções, então a gente criou um salão de convenções, a gente criou uma área de referência de galões, achava interessante ter. Uma das primeiras obras nossas foi modificar os alojamentos, tornar eles mais humanos, que antes era tipo militar, vinte em um quarto, então a gente dividiu aquilo. Depois nós passamos a ter alguns projetos de quartos onde eram quatro pessoas por quarto, onde tinha nuceleozinhos. Nós também cercamos o alojamento, pela questão de drogas. Foi até um problema na época, tem até um sujeito que é diretor aqui em Arcos que fez uma confusão com aluno, que tava criando uma “cadeia”, e depois os pais falaram que devia ter feito isso antes, né. Então, são coisas que a gente vê de épocas, eu tô na escola desde de 92 dando aula e já dava aula antes, de conversa com

um, visitar ali, você vê o que seria interessante para a sua escola e propõe aquilo e vamos ver o custo disso, né. Se não conseguiu esse ano, consegue no ano seguinte, mas você tem que ter projeto, se você tivesse projeto você conseguia naquela época, sabe? Foi por aí, conversando e correndo atrás, né, estabelecendo metas para onde a gente quer isso, o que a gente pretende com isso.

Douglas: Flávio, logo quando é fundado o IFMG, a eleição propriamente dita, então se deu a escolha do primeiro reitor, né, foi o Caio, mas como se deu a escolha dele para ser o reitor no primeiro momento?

Flávio: O eu penso, o seguinte, ele propôs o projeto dele para a reitoria em Belo Horizonte, foi dele, a gente entrou depois mesmo, o Kléber entrou depois e eu também, ficou uma coisa na mão dele mesmo, não foi uma escolha, ele propôs o projeto e foi aceito o projeto dele, foi aceito o projeto do CEFET/Ouro Preto e quem tava à frente era o Caio. Não houve, na minha parte, eu não tinha interesse de ir para Belo Horizonte, sabe? Então eu não tive, nem para Pouso Alegre, nem nunca tive, minha esposa tem um emprego fixo aqui, não transfere, não, então eu não tinha intenção de mudar para Belo Horizonte, minha intenção era tá aqui. Então eu não tive essa pretensão em momento nenhum de ser reitor, então ficou meio entre o Caio e o Kléber. Mas, enfim, como era um projeto de CEFET, o Caio ficou, não chegou a se pensar em outro, não. Vontade eu acredito até que o Kléber tivesse, mas eu não tive. Assim, o projeto foi dele, foi atrás daquele projeto e a gente entrou depois. Não tem discussão isso, não. Penso que não.

Denis: Essas...

Flávio: Desculpa. Democratizar o início da gestão... Assim, olha poderia ter cinco pró-reitorias, Bambuí entra com dois, o São João Evangelista entra com dois, assim, pra ter mais participação junto dele ali, não era como reitor, mas como pró-reitor, tava próximo dele ali, né. Na época eu mandei dois, um foi de ensino e outro de extensão, São João eu não lembro quem que mandou, mas dessa forma a gente participou da gestão desde o início, tinha uma participação, sim. Lógico que a partir do momento que os pró-reitores,

que a gente indicou, estava trabalhando com o Caio, passou a ser caras de confiança dele, lógico, tanto é que com o tempo alguns foram trocando, mas houve essa chance de participação, sim, não foi impositivo o que ele queria não, sabe?

Douglas: Denis, rapidinho, você lembra quais foram os de ensino e de extensão que você indicou, Flávio?

Flávio: O de ensino era o Jeferson, daqui de Bambuí, Jeferson Eder Ferreira, e a Cláudia Helena, de extensão. Aí junto deles, assim, esses foram os pró-reitores, mas foi gente para ser diretor, a Lídia de Ouro Preto era a pró-reitora de pesquisa, aí abaixo dela tinha o Neymar que ficou lá um bom tempo, até pouco tempo atrás na área de diretoria, depois ele virou até pró-reitor posteriormente; o Edir que foi para de diretoria de administração e planejamento, abaixo do pró-reitor também; na área de informática foi o Alexandre, diretor também daqui. Então nós tivemos uma participação muito boa no início, muitos servidores nossos foram para lá, né, de diretores, e até técnicos administrativos que quiseram ir para lá, nós tivemos uma participação boa, sim. E tava nascendo, né, deu certo em algumas áreas e outras não, mas foi.

Denis: Sobre, ô Flávio, sobre essas questões políticas, eleições aí de reitores ou de diretores gerais, por exemplo, como que, o que você pode falar sobre esse processo, por exemplo de constituição de chapa, a campanha sendo feita aí nos campus, as propostas, os diferentes candidatos, então desse processo político, né, que você acompanhou, o que você pode falar para a gente a respeito dessas questões políticas?

Flávio: Eu penso que hoje para qualquer candidato a reitor é um desgaste muito grande do que... Ele tem que se deslocar para convencer o eleitorado, né, isso é muito difícil. Quando a gente participou aqui da diretoria local, aqui a minha campanha era por aqui com os nosso servidores administrativos e professores e alunos, agora para um candidato a reitor é muito desgastante, tinha que achar uma forma mais... menos desgastante para isso, né. Mas eu não sei, eu não tenho, não acho que a qualidade de votos seja interessante, isso vai mudar, né, vocês estão sabendo disso, isso foi feito em

dezembro para voltar a lista tríplice e etc, e até a qualidade de votos que hoje é $\frac{1}{3}$, $\frac{1}{3}$ e $\frac{1}{3}$ o governo pretende mudar, foi a proposta do Weintraub, e agora caiu em um tempo que ela tinha que virar lei, mas não se está voltando a discussão, então... Mas a eleição é um processo muito interessante que foi conquistado pela escolas, né, mas, assim, se um cara é candidato e ele focar em professor e técnico administrativo, é, aí porque aluno, se precisa em um Instituto desse tamanho, você precisa sei lá de 300 a 400 votos de aluno para 1 de servidor e professor, né? Então é muito difícil, mas, assim, acho que tem funcionado, acho que é um processo que tem sido justo, sim, tem tido a oportunidade de ter um debate consistente, de conversar. O processo político é isso mesmo, quem quer entrar tem que estar disposto ao debate, tem que ter garganta mesmo, tem que ter apoio, né, as pessoas têm que comprar a sua ideia, tem que visitar campus, conversar, fica caro, não tem orçamento. As pessoas fazem uma vaquinha para ajudar uns aos outros, fica caro, mas eu vejo com bons olhos e vejo também que quem está à frente tem mais chance, né. Hoje, porque se você aí, hoje, se o Douglas lá quiser ser candidato, ele não tem acesso a todos os campus, é complicado até ele conseguir ser conhecido, né. Hoje quem tá à frente da administração da reitoria tem muito mais chance de ter entrada, tinha que ter uma forma de democratizar mais esse conhecimento dos outros colegas de trabalho que queiram ser candidatos, né. Porque o que muitos fazem, “ah, quero ser candidato”, então você vai fazer um filminho, você vai visitar uma escola aqui com esse monte de campus, aí em um dia ali você não consegue reunir pessoas, você não consegue passar as ideias, então você vai pelo que o outro fala e tal tal, né, você faz um debate e nem todo mundo assiste. Não tá funcionando direito o computador, mas é a forma que se tem hoje, né, que o governo quer acabar com ela. É a forma que se tem, foi conquistada, foi criado no início do governo Lula, e que o governo atual quer acabar com ela, já que teve essa proposta não sei se vai levar adiante. Mas tinha que ter um jeito de democratizar mais para as pessoas serem mais conhecidas e que não gastem dinheiro. Não sei se te atendi, ô Douglas.

Douglas: Sim. Ô Flávio, nesse momento de criação do IFMG você era diretor e como você mesmo disse perde-se essa autonomia, passa a ter um novo espelho que é a Reitoria e tudo mais, você se lembra se teve alguma situação de impasse, alguma questão que a Reitoria tivesse que negociar bastante para poder aprovar alguma coisa,

para poder executar alguma coisa nesse momento, você enquanto diretor geral e aí já tendo o reitor?

Flávio: Olha, no início eu acho que muitas coisas tiveram que ser negociadas mesmo, ir lá, conversar uma vez, duas, explicar etc, porque o orçamento muitas vezes vinha para todo o Instituto, tinha uma verba carimbada para o campus, né, já existia uma verba carimbada para o campus, sim, a gente tinha o direito de autonomia para trabalhar naquela verba. Mas tinha outras que você tinha que correr atrás e tentar buscar, normalmente isso dá desgaste, né, porque é cada um pro seu canto, fazer sua proposta. Mas a gente acabava conseguindo, teve muito não... Com certeza, teve muito não, teve discussão, teve, sim, ainda bem que a gente não lembra de tudo, né, teve muito desgaste, teve dia de sair bravo de Belo Horizonte, puto, revoltado, querendo jogar tudo pro alto, mas, enfim a gente tem que assumir nosso papel e correr atrás, né, mas desgaste teve demais, demais, nossa senhora! Muitos, mas eu não sei te enumerar A, B ou C, mas eu não posso reclamar do que a gente conquistou no final disso tudo não, não mesmo. A gente correu atrás, a gente discutiu, mas a gente conseguiu, né. Conseguiu, sim, foi proveitoso, não sei... Ouro Preto mesmo teve muitos problemas por coisa de questão de que lá, é, patrimônio histórico, teve travamento de construção muito tempo. Eu não sei dizer em relação a São João, mas também houve uma expansão com certeza lá, eu tive lá, melhorou demais São João, muita construção bonita. Eu acho que nós tivemos oportunidade, quem soube aproveitar conseguiu captar, apesar dos desgastes, né. Mas, inimizades, com certeza, desgastes, com certeza! Ter que ligar para o administrativo para liberar, com certeza, ligar uma, duas ou três vezes, com certeza, muitas vezes. Tenho saudade? Absolutamente nenhuma. Foi importante? Foi importante, muito bom. Gostaria de ser de novo ? Não, acho que já dei a minha contribuição, né, fiz a minha parte, foi um desafio que eu tinha, foi legal , mas não...

Denis: Douglas, eu vou deixar essa questão com você.

Douglas: Tá, ô Flávio, fazendo o exercício agora de uma questão de uma memória espacial, questão de materialidade mesmo, quando a gente fala IFMG qual imagem vem à sua mente, do ponto de vista espacial, do que que você lembra?

Flávio: Eu não sei rapaz. Eu faço parte do Instituto Federal, mas hoje eu tenho muito o que a gente construiu aqui, esse Instituto Federal faz parte de um grupo grande tem uma importância dentro de Minas e teve uma importância muito grande até mesmo no país, a gente teve à frente de muitas coisas, né, e eu tive recentemente no Instituto Federal lá do Sul de Minas, tem um compadre meu que trabalha lá, então a gente vê que todos, de um modo geral, cresceram e fazem parte de uma coisa grande hoje, né. Eu acredito que ainda tem muitos lugares que o Instituto Federal é desconhecido, mas, de um modo geral, ele é algo como uma logomarca que a proposta do governo era, você fazer parte de algo tal qual você vê o símbolo do Correio, do Banco do Brasil, da Caixa, usando a expressão que eles usaram, que você faz parte daquilo, né. Então hoje a gente vê propagandas, vê investindo, a gente já viu mais, lógico, nessa questão de você fazer parte de algo que tem tudo para ser grande, mas que esbarra em processos administrativos muito grandes. Somos uma família grande? Não, absolutamente não vejo isso, ainda não, viu. Não sei quanto tempo vai levar para que haja um casamento redondo disso aí, sabe? Existe um ponto central de diversos campos que tentam trabalhar muitas vezes sozinho para criar a sua história, sozinho: “eu fiz isso, eu sou isso, tô aqui, e tal tal”, não como parte do somos isso ou somos aquilo, acho que ainda leva um tempo para sentir isso como um corpo, como um todo, sabe? Porque começa, como eu disse para você que antes tinha o “cefetinho” e o “cefetão”, tem os campus antigos e tem os campus novos, tem os que nem são campus ainda, então dentro da... Você faz uma reunião de campus, você vê que tem uns que sentem menores do que outros ainda, e quanto tempo vai levar para igualar isso? Talvez nunca vai igualar, porque um campus hoje recém-nascido vai querer ter uma estrutura igual essa daqui. Justifica isso? Então, fazemos parte de um grupo grande, sim, mas com pretensões até diferentes, né, ambições diferentes, mas que leva um tempo para adoçar porque isso é muito dinâmico, né, hoje tem uma equipe lá trabalhando com o reitor há quatro anos, outros acabaram de entrar, isso é muito dinâmico, isso muda muito, cada um tem uma ideia diferente e muitas vezes, por ser pouco, leva um tempo maior para ser executado, então fazemos... Voltando aí, né, fazemos parte de um grupo que a ideia é ser um grupo grande, mas que ainda tem muito abismo, muito abismo. Eu não sei se isso melhorou hoje, mas eu via a Reitoria muitas vezes como uma ilha, as pessoas que trabalham ali, como eu já falei outras vezes, as pessoas ali têm que conhecer com quem elas

trabalham, de que campus, e parar com esse: “pode, que veio do interior, veio de não sei aonde”. Você sabe, não tem que ter essa, nós trabalhamos em um grupo único e você está trabalhando para executar o que a gente precisar lá, né, parar de ser essa ilha fechada ali onde a pessoa entra, vai no escritório, pega, vai embora, sai e volta... Então, precisa... Agora, quem que vai fazer essa costura, aí eu não sei. Precisava ter mais tempo para as pessoas participarem, irem aos campus, conhecerem, igual eu falei, para sentir que faz parte de algo maior. Você pode até ver foto de um campus, mas se você não vai lá, você não sente o impacto, é igual Brasília, se você ver foto de lá, mas não vai lá, você não sente o impacto que é Brasília. Você tem que ir para sentir aquela coisa, aquele monstro, aquela coisa bem projetada, bacana, né. Então as pessoas deveriam reconhecer mais, conhecer a realidade de um campus, um ou outro, ou a vida de um ou outro, como é difícil conquistar as coisas. Como um professor aqui ou talvez um diretor de uma escola maior faz: nada fica, por conta de ser diretor, e o outro tem que ser faxineiro, telefonista, tem que escrever, fazer tudo, por falta de gente, né. Mas aí, como eu falei, criou a escola, criou um campus, né, um “campinho”, mas não dá uma estrutura funcional que ele precisa, né, então quando é que esse campus pequeno vai fazer parte um do outro? Às vezes tem aquele cara que é político demais e tá lá do lado do reitor, consegue uma coisa a mais para o seu campus, e o outro com um campus do mesmo tamanho não consegue porque não teve articulação. Tá certo isso? Não, mas precisa o Douglas esse sentir, esse fazer, essa união. A gente tem muitos campus em situações isoladas ainda que precisa que se reúne de vez em quando, fazer um cursinho de vez em quando junto, mas que ainda não se sentem parte de um todo, não. Minha percepção, tá, espero estar errado.

Denis: Flávio, fazendo um exercício aqui de memória sobre os espaços aí do IFMG, você falou de impacto, né, tem algum local dentro do IFMG que te causa um impacto, por exemplo, um impacto de conforto, “olha estou aqui dentro de um algum espaço ou de um local que me gera conforto”, e, por outro lado, tem algum outro espaço que te gera o contrário, que te gera a uma situação, por exemplo, que te remete ao estresse do trabalho?

Flávio: Tá, eu acho que se você entrar aqui na escola, eu acho extremamente agradável, ele é um campus que a gente deixou com uma estrutura boa, que está bem cuidado

também, né, você construiu alguém tem que cuidar, né. De um modo geral, é possível a gente se sentir bem nos locais de trabalho, os ambientes que a gente criou, nós criamos prédios exclusivos para ter escritórios de professores, sabe, então, lógico que não tem ar condicionado, mas é um ambiente de trabalho agradável. Ao mesmo tempo, quando eu vejo alguma coisa que não me agrada, eu mudo de passeio, entendeu? Olho para o outro lado. [risos] Porque o que causa muitas vezes o desconforto são relações humanas que você teve, ruins, então eu evito essas pessoas, tenho uma convivência boa, mas atravesso a rua, olho para outro lado. A gente muitas vezes não guarda mágoa, mas você tem memórias, né, então é melhor evitar para poder ficar tranquilo, né? Eu vou lá, dou minhas aulas, tenho uma relação muito boa com os alunos, hoje eu não tenho convivência nenhuma com essa gestão, vou com os alunos, procuro fazer bons trabalhos, e é isso que a gente vai fazendo, né, e essa troca com os alunos isso é muito saudável. E o ambiente, a gente faz, então a gente procura estar próximo daqueles que te tratam bem, que você quer conviver bem, e os outros você evita, né. Não sei se era isso, Denis, que você queria, mas a minha percepção da sua pergunta foi essa. Ambiente físico, não, eu só evito... Ambiente físico para mim são as pessoas físicas, aí você evita. Infelizmente, se você tiver em uma empresa privada que eu já trabalhei, estadual, já convivi com pessoas do município, federal, todos os lugares tem gente boa, você vai encontrar aí ou você procura, né, isso é antigo, então cada um encontra sua turma. Então, eu acho que é possível você viver muito bem dentro de uma escola desde que você encontre sua turma. E se todo mundo... uma maior parte dos meus conflitos que eu já tive, é o seguinte, é tentar fazer a pessoa trabalhar naquilo que ela foi contratada pra fazer, olha que absurdo, né. Então, se você é contratado para trabalhar, você mesmo tá fazendo parte de um projeto, aí se toda hora o Douglas tiver que lembrar o Denis o que ele tá fazendo, tem uma coisa errada nisso, se você é contratado para ser professor, trabalhe como tal, se você é administrativo, trabalhe como administrativo, então essas são as questões, são questões humanas. E a escola é um ambiente muito legal, tem gente muito boa, bacana, o espaço físico é muito agradável, muito arejado, boas salas, ambiências boas, acho que de um modo geral é positivo. Mas pode melhorar? Claro, sempre pode, né!

Denis: No caso, tem alguma construção, assim, especifica que até hoje quando você olha, que te impressiona positivamente?

Flávio: o monumento à bandeira. [risos]. Estou brincando, mas é porque é vaidade minha, né. Mas eu acho que o fato de você chegar na escola e ver a área de vivência dos alunos que não tinha, a gente criou lá, olha só áreas de vivências, tinha um lugar que tinha uma cantina, sala de musculação, sala de jogos com sinuca, totó, xadrez, sala de TV, um teatro aberto, então isso tudo, isso deixa a gente satisfeito porque foi criado um espaço pensando no nosso principal cliente que são os alunos, né. O centro de convenções que cabe 440 pessoas sentadas, que não tinha isso, pode ser público em um evento, atende bem, então, assim, duplicação de biblioteca... No início, eu falei de ter tirado a diretoria do meio dos alunos, e criou um prédio próprio pra isso, né. Acho que quando a gente asfaltou a escola inteira, não tinha isso e nossa gestão asfaltou 100% da escola, o aluno antes descia do ônibus e tinha que andar 1,2 quilômetros na terra para ter aula, hoje ele vai pelo asfalto, então isso foi importante. A iluminação foi na nossa gestão, não tinha iluminação noturna, trocamos postes na escola como um todo, parece que tirou aquele véu e iluminou a coisa toda. Então, se for especificar toda obra feita, até banco que a gente colocou foi importante, né, os quiosquinhos, a gente criou dez quiosques na escola esparramados para que, para o aluno ter onde sentar depois do almoço, bater papo, conversar. Eu gosto muito lá da área administrativa ali, quem que teve aqui foi o Pablo, né, que teve aqui na área administrativa. Ali do lado do prédio administrativo, a gente fez um gramadão bonito onde tem esse monumento da bandeira, era fazer tipo aquelas high school americana, que o aluno pudesse sentar na grama, ficar batendo papo, música, tocando violão e etc, né. Então, são coisas que eu me orgulho de ter participado e ter feito, de ideias que foram minhas e discutidas com o grupo e que foram executadas, né. Mas em um aspecto geral, como eu disse pra você, nos saímos de cinquenta e quatro mil para cento e quatro mil metros quadrados, foi um impacto muito grande, teve muitas coisas, até tirar o mata burro da entrada foi importante, pra mim, né, [risos] tem gente que achou ruim. Mas é isso, né, quando você faz um choque de gestão e você realmente muda, todo mundo que vem hoje não reconhece a escola mais, virou outra, você tá mexendo na história de muitas pessoas, e todo mundo é muito importante nas histórias, então a gente não apaga aquela história, fez parte. Mas a gente tem que andar pra frente, tem que ir, né. Se você quer propor algo a mais, tem que ter uma estrutura pra isso, pra aceitar isso, e hoje a escola ela era e continua sendo muito

importante pra cidade, acho que em termos de indústria ela é a melhor indústria, que ela produz conhecimento sem poluição, né.

Douglas: Flávio, agora mudando um pouco, indo pra questão do ensino também, que a gente quer ver suas percepções sobre isso, o que que você pensa sobre essa questão da formação do ensino técnico e a relação deste ensino com o mundo do trabalho, como você percebe isso?

Flávio: Eu acho o técnico extremamente importante, mas não é tão valorizado, e o fato de você ter um mesmo espaço físico dando aula técnico e graduação ali gera um pouco de conflito ali sabe. Mas o curso técnico é extremamente importante e veja que muitos países, eles valorizam muito o técnico, mas a procura tá baixa, viu, e eu vou falar uma coisa para vocês o seguinte, as coisas que... você dá aula pro técnico, Douglas?

Douglas: Isso pro técnico.

Flávio: Pros técnicos, né.

Douglas: Só pro técnico, na verdade.

Flávio: Pro técnico, né, de História, né. Mas o que eu percebo, sabe, Douglas, quando eu comecei a dar aula em 92, a gente ainda dava aula para técnicos agrícolas que queriam ser técnicos agrícolas e até o subsequente hoje a gente ainda tem isso. Hoje a maioria dos alunos nossos, para não dizer 100%, eles não querem ser técnicos agrícolas mais, eles querem continuar o estudo deles. Têm direito? Lógico que têm direito. Mas por que a gente é procurado então? Porque criou-se a fama de que o melhor segundo grau da cidade é ali, afinal de contas todos os professores têm mestrado e doutorado. Mas não quer dizer que passar o ensino vai ser no mesmo nível, não, porque o público que chega até a gente tem o conhecimento baixo, então você tem que equacionar esse conhecimento. Então a diferença entre quando eu comecei a dar aula em 92 técnico lá e

de hoje é que a maioria dos técnicos não querem ser técnicos mais. Mas em contrapartida, tem alunos meus que foram fazer graduação porque tiveram aula comigo, na minha disciplina, entendeu? Mas o investimento por parte do governo é muito alto para o retorno que tem dessa mão de obra para o mercado de trabalho. Você tá entendendo? Você coloca muito técnico no mercado e eles não querem ser técnicos, eles querem continuar estudando, como eu disse têm direito, mas foge e isso já foi uma discussão com a área pedagógica aqui absurda porque foge à função principal. Se você está dando um curso técnico, é um curso terminal para eles entrarem no mercado de trabalho, e eles não estão entrando, são raros, viu. Não sei se você pode me dizer de São João Evangelista, mas são raros esses alunos que fazem isso, muitos raros os que vão cair no mercado de trabalho. E a relação com o mercado de trabalho hoje ela piorou por causa da questão trabalhista, porque até pra conseguir estágio hoje tá difícil. Eu, como sou professor da área técnica, tenho alunos orientados meus de estágio, esses alunos não conseguem estágio fácil mais não, porque a pessoa que vai ofertar estágio tem que fazer seguro, fazer um monte de coisinha, aí eles estão desanimados, cortaram muito a relação, as grandes empresas que ofertavam estágios estão cortando isso, elas fazem muito quando elas querem contratar alguém, fora isso, não. Então dificultou para o aluno esse acesso às empresas para fazer estágios, e empregos tem? Tem. Pagam bem? Não, não pagam bem, estão pagando muito mal. A gente tem visto alunos que estão indo para o mercado de trabalho que estão aceitando um salário mínimo. É duro, né, você passa um curso integrado por três anos... Aí você vai para um cara da graduação também que não é muito diferente também, né, você pega aí engenheiro pegando inicial de dois mil, dois mil e pouco, bem abaixo da expectativa, né. Então o curso técnico precisaria ser mais interessante para pode atrair pessoas que realmente queiram ser técnicos, e isso passa pela questão financeira, né, de ser atrativo em termos de salários né. Assim como nossa carreira de professor, se você vai em um cursinho e manda levantar a mão quem quer ser professor, ninguém levanta a mão não, isso pode acontecer. Nós estamos na Rede Federal, nós somos privilegiados, temos uma carreira muito interessante, mas a maioria sofre muito, pena muito por aí, por isso que ninguém quer ser professor, né.

Denis: Flávio, na sua avaliação essa proposta aí, né, do ensino profissional e tecnológico, conforme a lei 11.892 essa proposta vem sendo aplicada tal qual no IF, no IFMG, ou há uma distância entre a proposta da lei e a prática dentro do IFMG?

Flávio: Eu acho que falta um mais casamento das áreas, as disciplinas técnicas com as profissionalizantes, falta um link melhor nisso aí porque uma das proposta é que as matérias básicas sirvam de base nas áreas profissionalizantes também, né, então falta um pouco desse link aí, desse casamento. Mas mudou muito, né, essa questão do curso técnico hoje. Assim, se você for comparar os cursos hoje com o técnico agrícola antigamente, o pessoal era uma escola-fazenda, mas antigamente eles até ganhavam os três anos, os três anos que eles trabalhavam faziam na escola, eles podiam se aposentar, né, considerava tempo de trabalho. Hoje não tem isso mais, desde 92 que não pode isso mais. Então mudou muito a relação do aluno com a escola, eu penso que deveria ser mais focado no ensino técnico, você vai fazer um curso técnico tem que ser focado naquilo, e eu acho que os alunos têm uma bagagem de conhecimento, de conhecimento não, eles tem uma bagagem de informação muito grande, isso não gera conhecimento. Os alunos nossos hoje têm lá, chega a ter 29 disciplinas por ano no curso técnico, como é que você absorve esse conhecimento todo? Eu acho que deveria ser mais focado na área de conhecimento, penso, né. Eles não abrem mão do, digamos assim, do científico né, do ensino científico eles não abrem mão, nem a carga horária mínima que tem que ser dada, e ao mesmo tempo tem que enfiar toda a carga técnica de uma vez no aluno. Esgota, então ele não tem tempo pra mais nada. Esses alunos, é integral, manhã e tarde, agarrado ali e não tem tempo pra mais nada. Como eu disse, tem uma carga informação muito grande que não gera conhecimento. Não gera, eles passam pelo curso, mas muitas vezes o curso não fica nele, não. Tinha que ser mais focado, precisava rever isso. Mas isso pra discutir com a área pedagógica, meu amigo, não é fácil não. [risos]

Douglas: Você meio que passou por isso, já falou da questão do emprego e do interesse, mas, enfim, na sua visão quais são as principais vantagens e os principais desafios para um aluno que ingressaria em um curso técnico ofertado pelo IFMG?

Flávio: Vantagem, abrir a cabeça dele. Eu acho que conviver com alunos, meu menino fez técnico em informática aqui, sabe, formou aqui na escola com a gente. Vantagem desde de pegar ônibus, a enfrentar fila de refeitório, a conviver com a diferença de classe, de gênero, de tudo que a gente tem no nosso campus, a gente tem de tudo, né, aqui em Bambuí é uma ilha, dentro da escola ali você tem tudo quanto é tipo de gente, e as escolas que estão ficando maiores são assim também. Então esse relacionamento social é extremamente importante, é um ponto positivo, e as outras escolas por aí são muito fechadas em nucleozinhos. Você pega o meu filho que antes estudava em escola particular, na sala dele tinha 8, 9, 10 alunos com superproteção, aí você cai num mundo... Aquilo lá gera uma expansão, diferencia a vida dele, então isso aí é muito importante. E ser um técnico, mesmo ele não sabendo o quer na vida, serve um curso técnico pra ele, fica aí três anos e “não quero”, esse “eu não quero ser aquilo”, me serviu pra isso. Acho que acima de tudo, nós temos professores de nível muito alto em todos os campus nossos, acima de tudo a gente tem a obrigação de ensinar esse aluno a pensar, né, eu posso ser um professor que eles não gostam, mas falar que eu não fiz eles pensar, eles não podem fazer isso não. Acima de tudo ensinar ele a pensar, porque ensinar a pensar vai ajudar ele no futuro, mesmo que ele não vá trabalhar naquele curso técnico que a escola esperava que ele trabalhasse, desenvolvesse, desse um retorno pra eles como técnico. Eu acho que é importante pra ele esse caminho pra ele passar ali e uma escola técnica ela é importante, tanto que um ex-aluno meu hoje tá na NASA. Vocês sabem disso, né? Ele fez técnico agrícola aqui, trabalhou um ano em fazenda e foi fazer Física, Engenharia. Serviu? Até hoje tem história aqui. Então o passar pela escola técnica é muito importante, o lado humano é muito importante, o lado de conhecimento lógico que sempre é importante.

Denis: E, Flávio, na sua concepção, como que se efetiva essa relação entre o IFMG a comunidade externa e o mundo do trabalho?

Flávio: Como se efetiva ou como ela deveria ser, é, efetivada mesmo?

Denis: Pode falar como ela se efetiva, como ela deveria ser, na sua avaliação, já que você citou o caso do aluno aí que foi pra NASA, como se relaciona esses três eixos aí, IFMG, a comunidade externa e o mundo do trabalho?

Flávio: Como se efetiva ou como deveria ser? Acho que precisava de mais propaganda, eu falo que é pouca a nossa propaganda, a gente precisava divulgar mais, a gente é muito tímido, nós somos muito tímidos a apresentar para a comunidade o que a gente tá produzindo, eu fui muito tímido nesse aspecto, a gente precisa de gente que faz mais, o Kléber é muito tímido também, a gente precisa trazer mais jornal, tentar trazer revistas... Até pra gente poder atrair aluno, né, onde a gente devia ter três mil alunos e tem mil e pouco, tem alguma coisa errada nisso, é sinal de que a informação que a gente tá levando, que a gente pode apresentar pra sociedade, não tá chegando até ela, ou senão o que a gente tá fazendo não é interessante pra ela. Então é isso, o ouvir mais a comunidade, muitas vezes as decisões eram muito restritas a um grupo ali, você tem que levar isso pra fora o que o pessoal tá conversando, o que a gente precisa mudar, essa relação tem que ser mais ativa. E eu acho que ela é fraca, ela era fraca por mais que a gente fazia, a gente não conseguia levar, acho que ela é fraca, ela é fraca, né. A gente faz uma revistinha muito interna. Acho que isso é resultado a longo prazo, nós somos jovens, né, em termos de Instituto, acho que leva um tempo ainda para que nossos ex-alunos apareçam aí em grandes áreas do conhecimento, pesquisa ou mesmo empreendedores trabalhando. Eu acho fraca a nossa relação com a comunidade externa, era na minha época por mais que a gente tentasse, e continua sendo fraca hoje, precisava inserir mais o próprio governo, as cidades sentirem a importância daquela escola, porque muita vezes é um discursinho político, mas fica por ali, né. A gente devia ser mais usado pela comunidade, acho que, sim, essa relação de levar mais alunos pra escola, apresentar a escola, na minha opinião, falta. “Ô Flávio, o que você faz? Vai lá e ensina pra aquela escola, vai lá pra São João, pra tal...” Mas isso hoje gasta dinheiro, é complicado, né, qualquer tipo de divulgação é complicado. O próprio governo mesmo, ele gera “n” livros que fica engavetado não chega de jeito nenhum. E muitas vezes, eu me lembro uma vez o pessoal conversando em um restaurante lá em Ouro Preto, o pessoal da Universidade Federal de Viçosa, o cara conversando assim e chegava: “aí eu tô chegando dos Estados Unidos, fui apresentar um projeto assim, assim, assado, da cultura tal, um professor doutor lá e tal. Aí tinha um fazendeiro no bar lá e... Escuta, eu

sou fazendeiro aqui, e esse conhecimento que você tá falando aí não chega ali do lado.” [risos] Então, as pessoas muitas vezes querem participar de um congresso, participar de não sei o quê e tal, e não levam... A extensão nossa, a extensão nossa é muito fraca, fica em eventos pequenos e tal, mas esquece do que a gente trabalha, quais os curso de bacharelado, o que a gente pode levar pra comunidade, o que a gente tá ensinando, o que o pessoal do entorno tá aprendendo com a gente. Somos fracos com isso, isso independente de campus e de Reitoria, acho que a gente ainda é fraco nisso. Minha percepção, tá gente.

Douglas: Flávio, quando a gente pega a sua trajetória de vida, você falou boa parte dela, entrou aí já durante a década de 90 no Instituto, meio então que são vinte anos, vinte e três se não tô enganado, trabalhando aí, então você meio que tem uma vida aí dentro; de todas as instituições é a mesma instituição, com nomes diferentes, claro, foi mudando a estrutura, né, mas, você tá aí em Bambuí. Então como você Flávio, de certa forma você e o campus de Bambuí tem uma relação muito íntima, com tudo aí, como você avalia essas mudanças institucionais nesses 23 anos, do Flávio que entrou em 97 para o Flávio professor, e ter passado por tudo isso em 2020?

Flávio: Eu penso que a escola, a liberdade do profissional hoje ela melhorou muito, do profissional dentro do campus hoje, liberdade do aluno... A gente quando entrou aqui, era um resquício de regime militar ainda, era muito aluno, o aluno pegava recuperação e ele não podia comer no refeitório mais, tinha um sistema completamente maluco. Tinha um estatuto, tem uma coisa que era legal da época que chamava comissão disciplinar, acho que a gente ainda mantém aqui na escola, que funciona bem, viu. Eu fiquei, por exemplo, 8 anos de gestão e nunca vi uma briga de tapa lá dentro, a gente nunca teve esses problemas disciplinares. A comissão funciona, ela mandava embora, ela suspendia sempre, foi bacana esse aspecto. Mas o tanto que evoluiu, tinha no estatuto quando eu entrei: proibido homossexualismo, proibido pegar na mão, namorados não podia pegar na mão, proibido beijo, isso estava escrito, entendeu. Esse aspecto hoje da liberdade que os alunos têm, dos professores, né, a gente tinha hora pra entrar hora, pra sair, tinha pontos de assinar, pontos na hora entrada e saída, você tinha menos liberdade, era mais vigiado, era mais criticado. E eu acho que isso gerou crescimento pra escola. Eu acho que o choque de pessoas, cada um nós saímos de uma escola de 26 professores pra

quase 150 hoje, imagina, então a gente cresce independente da vontade. Algumas coisas foram positivas, foram, e outras extremamente negativas, você cresce tanto pro lado bom, quanto pro lado ruim. Então foi importante, teve coisas negativas, mas acho que é uma coisa meio sem volta, né. Que está melhor trabalhar hoje do que naquela época? Lógico que sim! Eu acredito que sim, tá melhor sim. Foi ótimo naquela época? Foi também, uai. Eu queria trabalhar aqui, eu escolhi trabalhar aqui, eu escolhi fazer concurso aqui, tinha vontade de trabalhar em uma Escola Agrotécnica, então eu vim aqui por opção, não foi por falta de opção, né. E quando eu falo de fazer concurso de ser disputado, esse excesso de conhecimento que a gente teve nesses último anos, entraram muita gente que são boas, mas também muita gente que são problemáticas, também, né, vocês sabem disso, né, quando a disputa ficou menor por candidato em relação à vaga, entrou gente problemático, gente fraco, que gera problema pra instituição. Então, de um modo geral ela é representativa do que é uma cidade hoje, antes era uma ilhazinha, hoje é uma ilha um pouco maior. Então, todos os problemas que tem em uma cidade, você imagina bem aqui de 22 mil habitantes, então todo tipo de problema que tem em uma cidade de 22 habitantes, lá dentro 1.800, 2000 pessoas, tem a mesma coisa, exatamente aquele tipo de problema, é quase como ser prefeito de uma pequena cidade, é claro que uma escola com 444 hectares, é grande, né. Mas eu penso que melhoramos principalmente a liberdade que você tem hoje de falar o que você quer. Nós não tínhamos essa liberdade, era complicado, você tinha medo de perseguição, motim, essas coisas, não sei da parte de São João, mas melhorou, sim, melhorou, sim. Pode ter alguém que negue que não tinha esse tipo de perseguição, mas tinha, sim. Na época que eu entrei tinha. Melhorou? Melhorou. Você fala o que você quiser? Você fala o que você quiser, é um direito que você tem, constitucional, né. Pode falar o que você quiser, quando quiser, onde quiser, não deve ao anonimato, então você fala. Se você fizesse isso a 23 anos atrás, você ia ter problema e tinha porque eu acho que isso foi muito da vantagem em relação da eleição direta, né, antes não tinha a eleição, era indireta, a pessoa era mais fácil de querer impor as coisas. Hoje não, democratizou, você dividiu, as pessoas estão participando mais. Penso que sim, pra melhor.

Denis: Flávio, esse tempo que a gente tá aqui, você falando e dando entrevista pra gente, você fez um percurso, né, um histórico muito interessante da instituição, sobre o

passado da instituição, sobre seu passado, eu queria saber agora em relação ao futuro, os Institutos, né, a Rede Federal ela tem futuro, qual o futuro dos Institutos Federais?

Flávio: Pergunta delicada, né. Eu acho que precisa principalmente consolidar os cursos e campus, rever cursos que não estão servindo, tem que ter coragem de encerrar aquele curso, se você tem um campus que não tá dando retorno em termos de gente, você tem que fechar aquele curso, sabe, aquele campus, que seja. Mas quem é que passa pela história como alguém que fechou um campus? Não é assim. Eu, na minha percepção, inchou demais, inchou por conta daquelas questões que eu coloquei há um tempo atrás aí, e nos incha demais administrativamente, ficou muito mais difícil para o reitor, pra equipe dele, muito mais difícil. Esse modelo precisa ser revisto, né, precisa ser revisto o que ser quer, porque todo mundo que assume uma gestão quer colocar a ideia dele ali, mas se existe algo planejado para aquele Instituto, se já há uma diretriz a ser seguida, tem que procurar seguir essa diretriz, se foi criado um propósito tem que tentar seguir aquele propósito dele, e nem sempre é seguido. Então esse abismo que existe ainda é muito grande, o que eu falei há pouco, campus antigo e campus recente, esse abismo é muito grande, isso gera um desconforto muito grande. A estrutura organizacional de outros campus também gera desconforto, orçamento de campus parecidos serem diferentes também gera desconforto, assim como cursos que não têm alunos também gera mais desconforto ainda. É uma discussão delicada, é igual expansão das universidades, né, as universidades na mesma época que criaram os Institutos fizeram o REUNI, vocês lembram, né? A reestruturação das universidades. Quando eu me formei na UFLA, ela só cresceu internamente, no próprio campus. Virou um mundo, não sei se vocês conhecem lá, mas virou uma coisa fantástica, agora as outras universidades que criaram outros campus fora, tiveram mais problemas, Viçosa criou campus fora, teve mais problemas, São João Del Rei teve outros campus fora... Então todos passamos por essa chance de expansão e todos tivemos problemas com isso. Aí você fala: “então que o ideal é que separasse e voltasse a ser autarquia, ser todos campus isolados”. Não volta mais, né, isso não volta mais. A estrutura na Reitoria é inchada, eu acho tem gente demais lá, talvez tenha que criar alguns núcleos administrativos para facilitar isso, mas do jeito que tá hoje, principalmente frente à sociedade, né, a gente é muito tido como pessoas que gastam, né. Então as pessoas que não estão no nosso lugar gostariam de estar, tentaram e não deram conta. Eu tenho orgulho do meu emprego porque eu entrei

pela porta da frente e conquistei, tenho estabilidade, eu lutei por isso, tô ganhando bem, lutamos por isso, né. Agora, a gente tem que dá um retorno, a relação professor/aluno hoje no Instituto Federal é extremamente baixa, é muito baixa, onde tava ofertando curso aí, veja bem, vocês acompanham as entradas aí via ENEM, tem curso aí que tá terminando o segundo mês de aula e tá entrando gente ainda. Primeira, segunda, terceira, quarta, quinta chamada, o que significa isso? Significa que a gente ainda não é a primeira opção. Então acho que o Instituto tem que enfrentar essa questão do marketing de frente pra falar que nós ofertamos cursos de excelência para poder atrair gente boa pra poder ficar. A gente ser a primeira opção no vestibular para o aluno poder ficar. Agora, se tem curso que não tá agradando, tem que eliminar. A gente tem certos problemas que foram uma imposição, quando criou o Instituto Federal foi imposto pra gente as licenciaturas. As universidades que sempre foram o filho bonito e predileto do governo, elas falaram que nós não vamos ofertar licenciatura, mais a UFMG escolheu o que ela queria, elas escolheram o que elas queriam e o resto, não queremos mais, aí ligaram pra gente empurrando goela abaixo as licenciaturas. Aí na época, em função do corpo de professores, escolhemos, a nossa foi de física e biologia, e passou pra Formiga, que o Gleison me ligou e falou: “olha, você tem que escolher tal e tal”, e a gente escolheu e era imposto isso. O que eu tenho contra licenciatura? Nada, o problema não é a licenciatura, o problema é a carreira de professor que é ruim. Quando eu falo isso, Douglas, é porque a gente é privilegiado, você sabe que é ruim, o salário é muito ruim dos colégios que não são o da Rede Federal. Então, quem é que vai fazer licenciatura para ser professor hoje com o salário que se paga? Então isso é um dos custos que puxam para baixo a nossa relação, mas isso a gente tem que continuar ofertando, isso é plano de governo antigamente que continua sendo, a gente tem que formar professor. Mas o problema não é formar professor, o problema é a gente não ter aluno querendo ser professor né. Então tem que ser revisto, tem que eliminar cursos, tem que fazer propagandas onde a gente ache que seja bom, e nesses campus novos mesmo ter uma conversa dura com eles: “como é que você cria um curso tal se você não tem condição pra isso?” E o próprio reitor, junto com o conselho dele, falar: “gente, vocês têm que colocar o pé no chão, criou tal curso em uma época dessa”. Não sei se tá criando, estou só dando um exemplo porque já aconteceu isso, cria-se um curso pra agradar um grupo de colegas e que não tem condição nenhuma. Como eu falei, cria um curso que vai virar um problema pro governo resolver e vira um problema. E viram um problema pra todo mundo depois, o aluno vai formar mal, que formou sem ter estrutura, sem ter isso, e a

propaganda vira negativa. É o que eu penso. Nessa percepção toda, as universidades têm mais dinheiro que a gente e vão continuar tendo gente, a gente tem que botar isso na cabeça nossa, né, a menina dos olhos do governo e do Ministério da Educação sempre foram as universidades, não eram as escolas técnicas, os Institutos, então a gente tem que lutar e falar: “opa, eu sou um filho bonitinho também!” A gente é importante, e isso leva tempo e é mostrando resultados, tem que mostrar resultado.

Douglas: Flávio. Pode concluir.

Flávio: Não, é isso.

Douglas: Flávio, agora já caminhando, nós fomos agora com 3 horas e 15 de entrevista, já caminhando para o final, eu gostaria que você ponderasse um pouquinho sobre esse exercício de memória que nós estamos realizando, essa proposta de construção de memória do Instituto Federal.

Flávio: Eu acho essa ideia ótima, viu. Acho a ideia ótima pra gente ter espaço para poder falar, colocar mesmo que não concordem com as minhas opiniões, as pessoas têm que colocar as ideias, as pessoas que vivenciaram isso, né, tem que ter espaço para colocar. Se você não conta a sua história, alguém conta, né. E muitos não vão contar do seu ponto de vista, e um ponto de vista é a vista de um ponto, né, então acho importante que dê espaço para que as pessoas coloquem as suas ideias e conversem, acho extremamente importante. Não sei como que vocês estão pensando em fazer isso posteriormente, como é que vai ser isso, não, mas aqui na escola, na minha gestão, nós criamos um centro, só que foi inaugurado depois, mas a ideia era nossa de criar um centro de história, né, um memorial, um museu que seja, né. Está muito tímido pelo que eu vi, mas acho que somando com o que vocês estão fazendo, acho isso muito importante. Acho que vai ser extremamente interessante, né. A poucos dias, eu recebi aqui no meu Whatsapp uma história da época dos cem anos da UFLA, isso é um livro que já saiu há algum tempo, e lá é interessante você ver, né, todos os alunos formados na UFLA. “Olha eu tô aqui no meio”, eu mostrei pro meu filho, é legal isso. Então tem

lá a história de como surgiu e mais essa história, então acho que tem que fazer isso não só Instituto, mas de onde que veio, como que surgiu Bambuí, começou com a escola de tratorista lá em 1959, como que foi isso e tal tal. Então é importante ver esses caminhos que foram percorridos para chegar onde a gente tá. Quero parabenizar você pela iniciativa aí. Deve ser da área de extensão com o apoio da Reitoria, com certeza. Acho que isso é importante, sim, tá, parabéns a vocês.

Douglas: Obrigado.

Livia: Obrigada por contar sua história, suas decisões, foi muito interessante essa conversa. Eu trabalho na PROEX, e na PROEX que tem desenvolvido esse projeto do Centro de Memória, juntamente com o Pablo, com o Douglas e com o Denis que é nosso bolsista e o Flávio que é nosso diretor.

Pablo: Ô Flávio, foi um prazer viu cara, eu acho que hoje pra mim em particular é um dia muito especial porque daquilo que há um ano atrás eu submeti e apresentei para PRPPG [Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação], é essa oportunidade, né, de ver o que essas pessoas que estavam ali, naquela conjuntura social, política, haviam construído para um futuro, né, e esse é um exercício certamente muito interessante, né. Eu gosto muito do campus Bambuí, passei a conviver com o campus por causa do mestrado e a gente vê o orgulho das pessoas que são servidores, alunos, ostentam. E é sempre incontestável a fala das pessoas, “olha como é hoje”. E me impressionou muito porque eu conhecia um pouco Ouro Preto, eu não conheço São João Evangelista e quando eu cheguei em Bambuí, né, eu já, aí a gente foi pro bloco do mestrado, depois o Ronaldo com aquela gentileza que lhe é peculiar providenciou um carro para mim conhecer o campus e me impressionou bastante. E o pessoal falava: “não, isso aqui foi muito do que resultou a chegada do Instituto”. E sempre eu ouvia seu nome, né, mas eu nunca tinha tido a oportunidade de lhe ver falando e ter tido a oportunidade de passar um tarde aqui fluindo as coisas, as suas vivências e leitura desse passado, foi um prazer e uma alegria indescritível. Então hoje é um dia muito feliz pra mim. Muito obrigado mesmo.

Flávio: Obrigado, eu. E precisando, quando você, independente do momento, alguma coisa que ficar escrito, quiser me encaminhar estou à disposição. Desejo muito sucesso para vocês. E você terminou seu mestrado aqui, Pablo?

Pablo: Não, eu fui diretor de pós-graduação, junto com o Neymar. Então ele criou um surco, assim que ele criou a gente passou, acho que foi no final de 2018, eu acompanhei os primeiros quatro anos de funcionamento, né, isso, é isso, nos primeiros quatro, cinco anos, eu acompanhei o funcionamento do curso mais de perto.

Flávio: Acho que a primeira turma de mestrado, me fugiu o ano que entrou, 2011, eu não me lembro. Mas bacana. Desculpa, Flávio, eu te cortei.

Flávio Puff: Boa tarde, tudo bom Flávio?

Flávio: Demais!

Flávio Puff: Eu também, assim como o Pablo, sou um pouco mais antigo aqui de Instituto, entrei em 2011. A gente sempre ouviu falar muito do seu trabalho, da sua gestão no Instituto e hoje eu tô atualmente na Diretoria de Cultura lá da Pró-Reitoria de Extensão, e a gente tá tocando esse trabalho aí juntamente com o Pablo, com o Douglas, com o Denis que veio agregar muito aí nesse projeto, né, a Livia que teve desde o início nessa ideia da construção desse Centro de Memória, e a gente fica muito satisfeito, né, porque a gente fecha um ciclo de entrevistas aí com aqueles que foram os principais atores na construção do Instituto. E a ideia do Centro de Memória é deixar isso, né, registrar isso pra posteridade, é um projeto que vai ficar pra instituição e ouvi-los vai ser muito importante para a História da Instituição.

Flávio: É uma pena vocês não terem convivido, antes de falecer, com o Arthur, um cara que faleceu, era muito amigo também, uma pessoa muito fina, ele tinha mestrado e doutorado na cultura da arte e ele tinha uma percepção muito boa, ia ser uma

oportunidade muito boa. Ele chegou a escrever, não sei se publicou, um livro sobre o Instituto, né. Ele falava que: “eu to escrevendo a minha história, escreva a sua antes que alguém escreva”. É uma pena, mas isso faz parte da vida, né.

Douglas: Se eu não me engano, ele deixou um depoimento com o pessoal de Ouro Preto, o pessoal de Ouro Preto fez um exercício parecido com o que nós estamos fazendo com você agora, salvo o engano, ele deixou um registro dele falando da fundação do IFMG e tudo mais.

Flávio: Eu me lembro dele falando: “estou fazendo, faça”... mas eu não cheguei a ver o resultado.

Douglas: Então, Flávio, concluindo, perguntar no início é muito fácil, mas agora... Para você, tem algum problema a gente poder utilizar essa gravação, lembrando que depois nós vamos transcrevê-la e enviar escrito para você tudo direitinho para que você possa ler e concordar porque como o Flávio disse, nós vamos deixar pra posteridade, vamos criar um site onde essas imagens, esses textos e esses depoimentos vão ser disponibilizados para a memória da instituição e para futuros pesquisadores. Enfim, então, se você agora com a entrevista pronta, se você concorda em ceder a imagens?

Flávio: À vontade, não tem problema nenhum, viu gente. Tudo o que falei é verdade que eu acredito, lógico que cada ponto... [risos] cada ponto de vista é a vista de um ponto, né, são as minhas visões, minhas percepções, são coisas que eu acreditei e vivi, criei amigos e inimigos, colegas e ex colegas, mas isso faz parte da vida, é caminhando e a gente tem que ver pelas memórias. O Kléber mesmo sempre foi um grande colega, um grande amigo, a gente divergiu por causa de questão política, mas eu não me julgo inimigo dele, não. Mas eu tenho muito respeito por ele, gosto muito dele. Mas, enfim, acho que todos tivemos a nossa participação, colaboramos e o importante é isso, né, você passar pela vida e falar assim: “ô, fiz alguma coisa”, né. Sabe quando você ouve uma música, né, eu tenho, assim, gosto muito do Pink Floyd, ouço uma música, e Led Zeppeling, “Stay Way to Heaven”. Fiz alguma coisa, ouço uma música, poxa, pode

passar, fiz alguma coisa, deixei uma mensagem. E a ideia é essa, se você puder deixar alguma coisa que alguém vai lembrar com carinho depois.

Douglas: Então, novamente, em nome do Centro de Memória, gostaria de agradecer por toda paciência, por toda disponibilidade e por tudo, muito obrigado mesmo!